

QUE HISTÓRIA É ESTA?

A MESOPOTÂMIA

MARCELO REDE





Sumérios
Babilônios e Assírios;
Sociedade, Cultura e Poder
no Antigo Oriente
Próximo







Editora Saraiva

Copyright © Marcelo Rede, 1997

Editora
Claudia Abeling-Szabo
Projeto e coordenação
Joaci Pereira Furtado
Suplemento de trabalho
Marcelo Rede
Assistente editorial
Nair Hitomi Kayo
Supervisão de revisão
Livia Maria Giorgio

Edição de arte
Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte
João Batista Ribeiro Filho
Projeto gráfico
Cristhof Gunkel
Diagramação
Walter Reinoso
Capa
Angra Comunicação Visual
Mapas
Maps World

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rede, Marcelo
A Mesopotâmia / Marcelo Rede. — 2. ed. — São Paulo : Saraiva, 2002. — (Que História é Esta?)

Bibliografia.
ISBN 978-85-02-02141-9

1. Mesopotâmia - História I. Título. II. Série.

97-0108 CDD-935

Índices para catálogo sistemático:

1. Mesopotâmia: História antiga 935

2ª edição / 3ª tiragem
2009

Todas as citações de textos contidas neste livro estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições.



Rua Henrique Schaumann, 270 – CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000 – Fax: (0**11) 3611-3308
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268 – Atendimento ao Professor: 0800-0117875
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br – E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

?

Sumário

Introdução, 4

1.

A natureza e os homens, 6

Uma paisagem exigente 7
O povoamento 8
A luta pela sobrevivência 9
A conquista das técnicas 11
O nascimento da cidade 12
Transformações sociais 14
Sumérios e acadianos 15

2.

A economia e a sociedade, 15

A vida nas aldeias 15
A economia rural 17
A vida nas cidades 19
A economia dos palácios e dos templos 20

3.

Mitologia, religião e pensamento, 22

O surgimento do mundo 23
A criação do homem 24
A ira dos deuses 25
O sentimento religioso 25
Templos e sacerdotes 27
Crenças e práticas religiosas 28
A morte e os mortos 30
Outras formas de conhecimento 31

4.

O poder do rei e outros poderes, 32

Uma cidade-templo suméria? 33
O aparecimento da realeza 34
A imagem divina do poder real 35
O palácio e seus servidores 37
Os poderes à margem do palácio 39
Unidade e fragmentação 40

Cronologia, 43

Bibliografia, 44

O que ver?, 45

Introdução

É possível que você nunca tenha ouvido falar das antigas civilizações mesopotâmicas, desaparecidas já há quase 2 500 anos. Mas isso não é surpreendente. O estudo da Mesopotâmia é uma área mais ou menos nova da história e da arqueologia, além de pouco divulgada no Brasil.

Até o século passado, o pouco que se conhecia da Mesopotâmia era o que diziam algumas obras muito antigas. Uma delas é a Bíblia judaica, que conta, dentre outros fatos, como o rei mesopotâmico Nabucodonosor II invadiu o reino de Judá e levou como prisioneiros muitos de seus habitantes. Foi o chamado cativeiro da Babilônia, no século VI a.C. (a abreviatura *a.C.* indica uma data *antes de Cristo*). Infelizmente, o texto bíblico não fala muito sobre a sociedade mesopotâmica daquela época. Mais detalhado é o livro de um grego, chamado Heródoto, que viajou pela Mesopotâmia nos inícios do século V a.C. Ele relatou os costumes, as crenças e a história de seus habitantes e descreveu a geografia da região.



fig. 1: As ruínas mostram o que restou da cidade de Ur, uma das mais importantes do sul da Mesopotâmia.

Com exceção desses e de outros raros testemunhos, a existência da antiga Mesopotâmia foi sendo esquecida. No final de sua história, suas cidades foram abandonadas ou destruídas e, com o passar dos anos, acabaram cobertas pela terra. As línguas que lá eram faladas desapareceram completamente. Além disso, a região foi sendo dominada consecutivamente por diversos povos: persas, macedônios, árabes, mongóis, turcos e outros, que foram lentamente apagando os traços da história mesopotâmica.

Assim, a Mesopotâmia — que havia sido o palco das primeiras civilizações da antigüidade — ficou muito tempo esquecida. Mas, a partir de 1800, as antigas ruínas despertaram o interesse de europeus que passavam pelo Iraque. Então, vários deles (ingleses, franceses, alemães, italianos...) começaram a escavar os sítios arqueológicos, que são os locais onde se coletam materiais para pesquisa, e a desenterrar objetos e monumentos (que, em grande parte, eram enviados para os museus da Europa, onde estão até hoje).



fig. 2: O britânico Austen Henry Layard (1817-1894), um dos primeiros escavadores na Mesopotâmia.

Dentre os objetos achados pelos primeiros escavadores, muitos continham inscrições desconhecidas, que foram chamadas de cuneiformes, devido à sua forma de cunha. Depois de um trabalhoso processo de decifração, descobriu-se que a escrita cuneiforme fora usada para registrar diversas línguas faladas na região: o sumério, o acadiano, o babilônico, o assírio, o hitita... Podemos dizer que esse foi o nascimento da assiriologia, a disciplina que estuda as línguas e as sociedades da antiga Mesopotâmia.

A DECIFRAÇÃO DOS CUNEIFORMES

Por dois mil anos, as línguas da antiga Mesopotâmia deixaram de ser faladas e escritas, transformando-se em línguas mortas. Por isso, foi necessário decifrar os sinais cuneiformes para entender o que os textos antigos diziam e conhecer melhor a história mesopotâmica.

A decifração foi uma tarefa árdua e lenta, feita por vários eruditos (principalmente Henry C. Rawlison) que, no século passado, conseguiram desvendar o sistema da escrita misteriosa dos documentos e abrir caminho para o entendimento da língua acadiana (falada pelos assírios e babilônios). Algumas inscrições feitas em mais de uma língua ajudaram muito: foi o caso do rochedo de Behistum, que continha textos em persa antigo, elamita e acadiano. A comparação entre eles facilitou bastante a decifração.

O sumério demorou um pouco mais para ser reconhecido e compreendido.

As primeiras descobertas

Mossul, 2 de maio de 1843.

Caro senhor:

Retorno de Korsabad mais maravilhado do que nunca com minha descoberta. Apesar de algumas interrupções, meus trabalhadores trouxeram à luz um vasto número de baixos-relevos e inscrições (...) O sítio é grande e este monumento espalha-se por todo o interior da trincheira; e, quanto mais avançamos para seu centro, as esculturas estão mais preservadas.

(Carta de P. E. Botta, primeiro escavador de Dur-Sharrukin, uma das capitais do Império Assírio.)



fig. 3: Como mostra este desenho de Layard, do século passado, a visão dos primeiros exploradores sobre a antiga Mesopotâmia era muito fantasiosa e romântica.

É através do estudo dos achados arqueológicos (ferramentas, estátuas, esqueletos, habitações, palácios, templos...) e dos documentos escritos (cartas, inscrições reais, contratos, poemas, preces...) que os arqueólogos e os historiadores tentam construir um conhecimento sobre o passado mesopotâmico: fazendo perguntas e buscando respondê-las com os documentos.

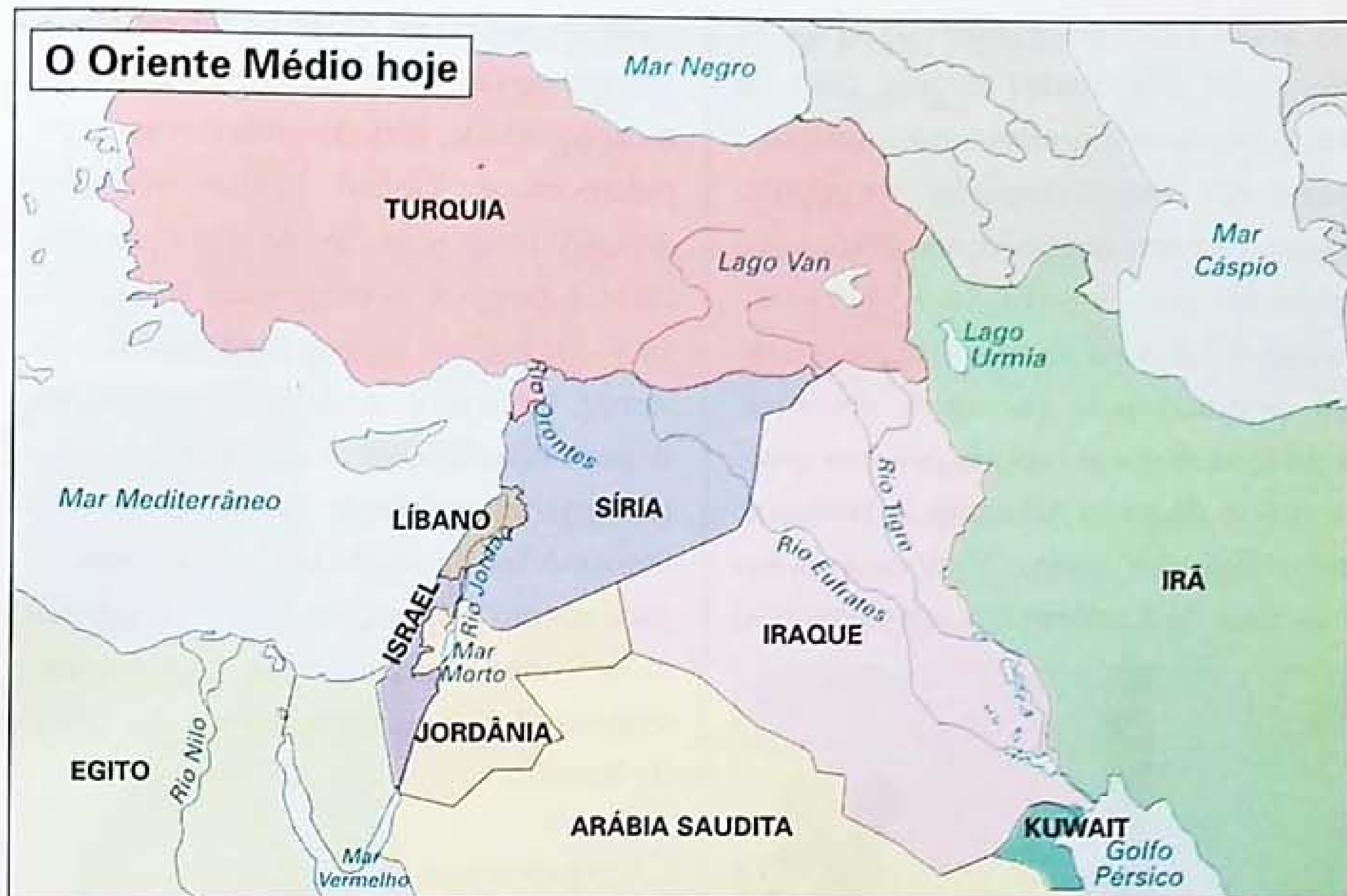
Neste livro você terá a oportunidade de aprender sobre essa antiga sociedade, de conhecer alguns dos documentos que ela nos deixou e de acompanhar como se pode fazer o estudo de um povo desaparecido através dos vestígios que dele sobreviveram. Conhecendo mais sobre essas sociedades do passado, sobre seus hábitos estranhos e seus modos de vida tão diferentes dos nossos, você não só ganhará informações, como também se acostumará a interpretar as diversas culturas e a perceber que elas são como são por causa de muitos fatores, que agem em conjunto e nem sempre são visíveis, e que elas não são uma obra do destino, mas uma construção dos homens. Isso poderá ajudá-lo a compreender melhor as sociedades humanas... inclusive a sua.



fig. 4: Escavação arqueológica no sítio de Ebla, na atual Síria. Os achados são uma fonte importante de informações históricas.

1. A natureza e os homens

Mesopotâmia é uma palavra que significa "entre rios". Foi assim que os gregos antigos chamaram a região do Oriente Próximo situada entre os rios Eufrates e Tigre. Hoje em dia, a maior parte dela está ocupada pelo Iraque, tendo à sua volta vários outros países: o Kuwait, o Irã, a Turquia, a Síria, a Jordânia e a Arábia. Na antigüidade, a região foi habitada por diversas populações, de línguas e culturas diferentes, as quais chamamos genericamente de



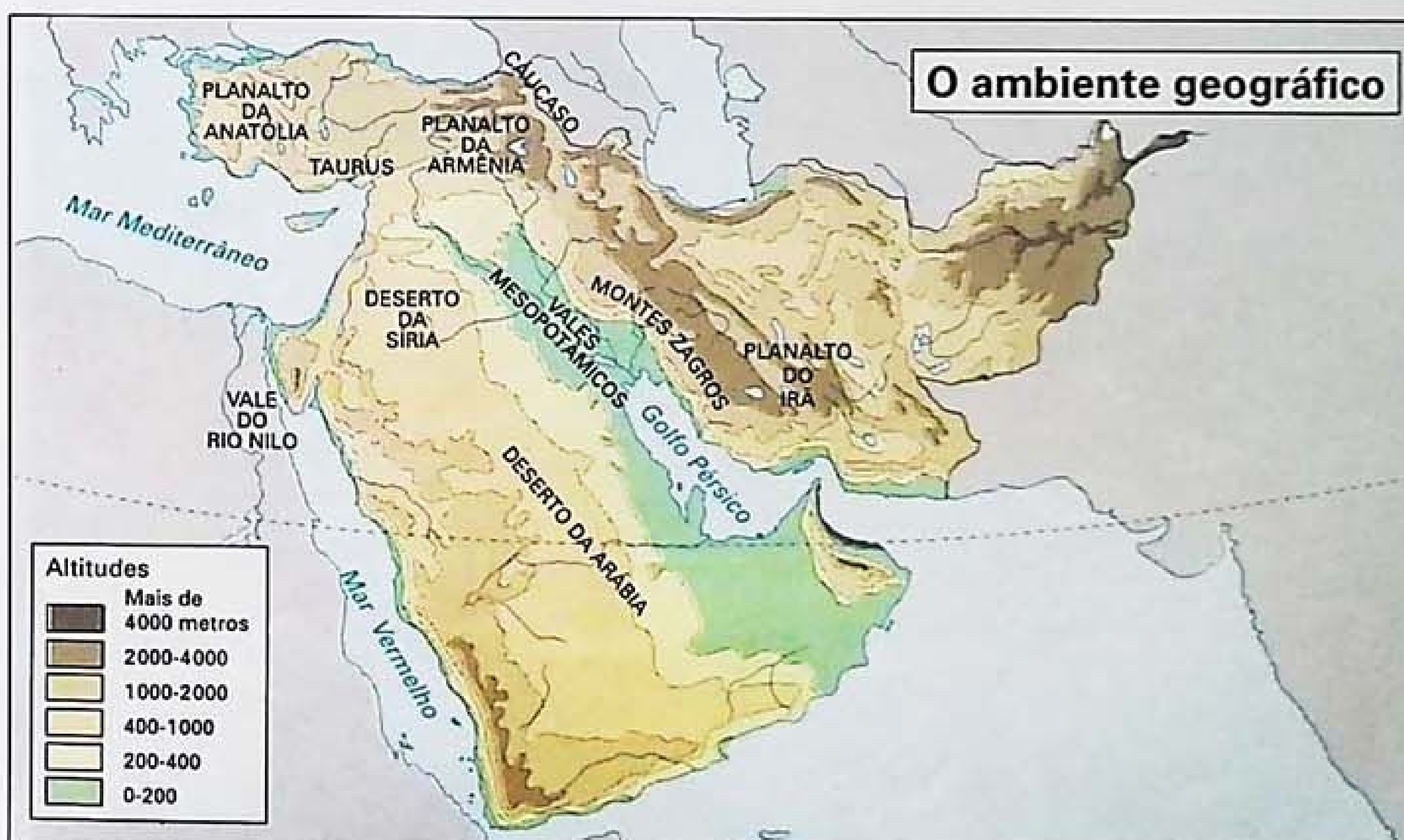
mesopotâmios: os sumérios, os babilônios, os assírios e outros.

Uma paisagem exigente

A natureza do Oriente Próximo é acidentada e, na maioria das vezes, difícil para a vida humana. Em volta da Mesopotâmia, espalham-se montanhas e desertos. A leste, estendem-se os Zagros, montes que formam uma fronteira natural com o Elam e a antiga Pérsia. A oeste, ficam as regiões secas e desérticas da Jordânia e da Síria, embora mais perto do litoral existam vales onde correm rios, como o Jordão e o Orontes. No sul, há o grande deserto da Arábia e, ao norte, levantam-se as cadeias de montanhas da Anatólia e da Armênia.

O Iraque hoje

O Iraque hoje é um país de pequenas proporções quando comparado ao Brasil. Tem cerca de 438 mil km² (quase 5% do território brasileiro) e uma população de aproximadamente 19 milhões de habitantes (quatro vezes o número de habitantes da cidade do Rio de Janeiro). A capital do país é Bagdá. O principal idioma é o árabe, mas, no norte, grande parte da população fala o curdo.



Os vales férteis

No sudoeste da Ásia e no nordeste da África, situam-se vários rios que formam vales férteis por onde passam, garantindo água e terras produtivas para as populações locais: os rios Eufrates e Tigre, no Iraque; o rio Orontes, na Síria; o rio Jordão, em Israel e na Jordânia e, finalmente, o rio Nilo, no Egito. Juntos, esses vales formam a região conhecida por "crescente fértil".

A maior parte das regiões vizinhas caracteriza-se pela aridez e pela falta de água, o que desestimulou o povoamento e fez com que fossem ocupadas por populações organizadas em pequenos grupos que circulavam pelo deserto. Já a Mesopotâmia apresenta uma grande diferença: embora marcada pela paisagem desértica, possui uma planície cortada por dois grandes rios e diversos afluentes e córregos. Tanto o Eufrates como o Tigre nascem nas terras altas da Armênia (na atual Turquia) e correm para o sul até se juntarem e desaguarem no Golfo Pérsico (acredita-se que, na antigüidade, eles desembocavam separadamente no Golfo). Em seu caminho, deixam uma planície de terras férteis, onde é possível praticar uma agricultura irrigada, cultivar grãos (trigo, cevada, sésamo), tamareiras e várias outras plantas. A presença da água possibilitou a ocupação mais constante do território mesopotâmico e fez da região um pólo de atração para muitas populações, e suas fronteiras naturais não impediram um constante movimento de povos durante toda sua agitada história.



J.C. LOZOUET

fig. 5: Rio Tigre. À sua margem, estende-se um vale verdejante e fértil.

O povoamento

A ocupação humana do território mesopotâmico deu-se muito cedo, ainda na pré-história. A presença mais constante do homem começou pelo norte, onde era possível fazer uma agricultura sem irrigação, usando apenas a água das chuvas. Por volta de 6500 a.C., alguns grupos



J.C. LOZOUET

fig. 6: No sul, a paisagem é marcada por lagos e pântanos formados pelos rios Tigre, Eufrates e seus afluentes.

A PRÉ-HISTÓRIA NA MESOPOTÂMIA
(todas as datas são aproximadas)

PALEOLÍTICO	**antes de 10 000 a.C.**	— caça e pesca — coleta — nomadismo
NEOLÍTICO	**10 000 a.C.**	
	7 000-6 500 a.C.	— domesticação dos animais — agricultura de chuva no norte — formação das aldeias — cerâmica
	6 000 a.C.	— uso do cobre — agricultura por irrigação
	5 500 a.C.	— primeiros templos
	5 000 a.C.	— ocupação do sul
	4 500 a.C.	— torno para fazer cerâmica
	4 000 a.C.	— arado
IDADE DOS METAIS	**3 750 a.C.**	— urbanização — difusão do trabalho com metal
	3 300 a.C.	— aparecimento da escrita

que viviam nessa região já plantavam e colhiam seus alimentos. Mas, na maior parte da Mesopotâmia, especialmente no sul (a chamada Baixa-Mesopotâmia) e também em quase todo o vale do Eufrates, a ocupação demorou mais a chegar, e só foi possível quando as técnicas avançaram e permitiram o controle das águas dos rios e a agricultura irrigada. Isto ocorreu a partir de 5 000 a.C. Mas o sul da Mesopotâmia era ainda muito alagado pelas águas dos rios e do Golfo Pérsico e o povoamento foi lento e disperso. Quando o nível das águas começou a baixar naturalmente, por volta de 3 500 a.C., a ocupação da região tornou-se mais fácil e a população cresceu.

A luta pela sobrevivência

Durante quase toda a pré-história, o homem vivia do que a natureza lhe fornecia: caçava e pescava; colhia os frutos das árvores, os vegetais e as raízes do solo. Mas por volta de 7 000 a.C., no início do período neolítico (a última fase da pré-história), houve, com o desenvolvimento da agricultura, uma mudança importante: parte da espécie humana deixou de ser apenas uma predadora da natureza, como os outros animais, e passou a produzir seu próprio alimento, preparando o solo, plantando as sementes, cuidando da colheita. Depois, era preciso obter os alimentos a partir dos produtos:

fig. 7: Os canais de irrigação levam as águas dos rios para os campos, possibilitando a agricultura.



transformar o trigo e a cevada em pão ou o sésamo em óleo, por exemplo.

Para que isso fosse possível, os homens tiveram de aprender a dominar as águas para aplicá-las na produção agrícola. Uma característica natural da Mesopotâmia aumentou ainda mais a necessidade de controlar as cheias: a subida das águas dos rios Eufrates e Tigre ocorria entre os meses de abril e maio, como conseqüência do derretimento da neve dos montes da Armênia e das chuvas no norte da Mesopotâmia. Em seguida, os rios desciam pelas planícies bastante volumosos e, às vezes, violentos. Nessa mesma época do ano, as sementes já haviam sido plantadas e estavam em pleno crescimento. Era preciso, então, proteger as plantações para evitar sua perda total, o que era feito com muros e diques. Por outro lado, também era preciso armazenar a água para o período de seca, justamente quando se tinha de preparar o solo para o plantio, além de escavar e manter os canais. Além disso, as populações mesopotâmicas utilizavam poços para alcançar os depósitos de água que ficavam sob a terra e armazenavam as águas das chuvas, principalmente na região norte. Todas essas tarefas foram feitas, desde muito cedo, pelas próprias famílias ou pe-

fig. 8: As barragens servem para represar e armazenar a água. Esta foi construída provavelmente em 700 a.C. e, depois de restaurada, ainda hoje é utilizada.



las aldeias. Alguns historiadores acreditam que o trabalho era baseado num sistema em que uns cooperavam com os outros. Mais tarde, os templos e os palácios também atuaram, organizando as pessoas e os materiais necessários à irrigação.

A conquista das técnicas

Várias mudanças e invenções do fim da pré-história estão ligadas ao fato de o homem ter-se transformado em agricultor. Um exemplo é o surgimento dos objetos de cerâmica, moldados em barro e cozidos pelo fogo. As escavações dos arqueólogos mostram que a cerâmica já estava presente no norte da Mesopotâmia por volta de 6 500 a.C. e que, posteriormente, foi fabricada também no sul: no início, eram recipientes toscos, feitos à mão e mal cozidos, como o da figura 9. Mais tarde, foram sendo aperfeiçoados, principalmente quando, por volta de 4 500 a.C., começaram a ser moldados com a ajuda de um torno. Eram feitos principalmente vasos e jarros para guardar e transportar os alimentos e a água, além de potes para cozinhar a comida.

As ferramentas também mudaram muito: no começo, eram feitas basicamente de pedra, madeira, fibras, osso e couro. É difícil ter uma idéia clara sobre a técnica dos primeiros humanos, pois só os objetos de pedra sobreviveram para serem estudados. Desde o período paleolítico, os homens já utilizaram os metais encontrados na natureza para fazer objetos, moldando-os a frio. Mais tarde, desenvolveram a técnica da metalurgia, derreteram os metais e fizeram armas e ferramentas de trabalho (compare as figuras 10a e 10b). Os primeiros objetos de metal foram feitos de cobre. Depois, misturando o cobre com estanho, descobriu-se o bronze. O ferro só se difundiria na região a partir de 1300 a.C.



fig. 9: Jarro proveniente do sítio de Tell-Hassuna, no norte, datado de cerca de 6 500 a.C.



fig. 10a: Instrumentos neolíticos de caça feitos de pedra. Museu Arqueológico de Ancara.

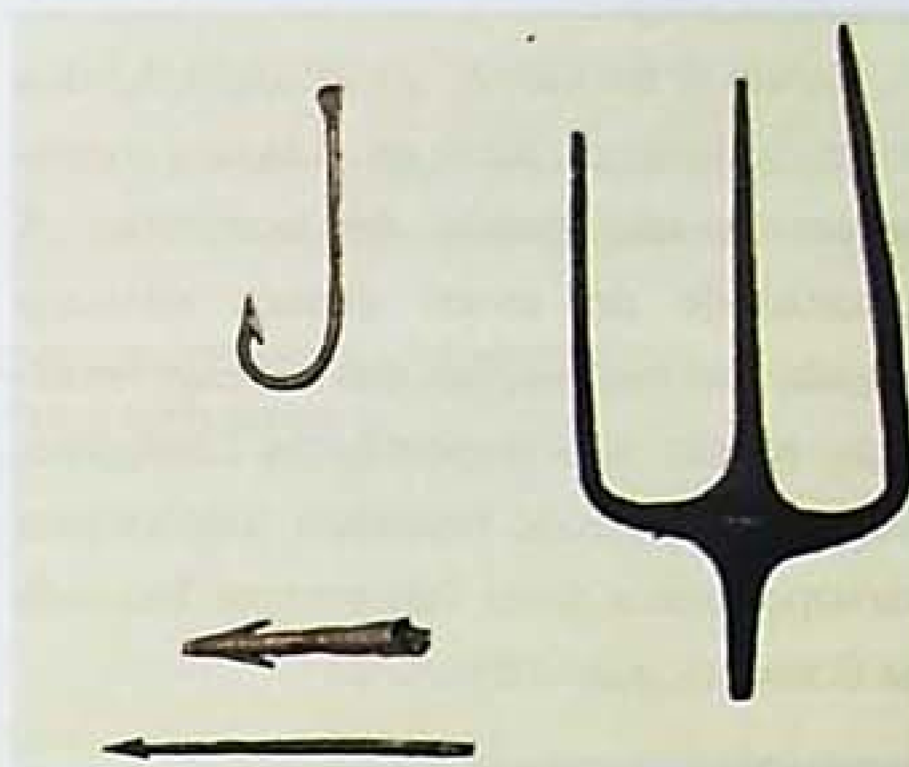


fig. 10b: Instrumentos metálicos usados na pesca. Museu Britânico, Londres.

Os instrumentos e as armas de metal foram substituindo lentamente aqueles feitos de pedra. Mas a pedra nunca deixou de ser amplamente utilizada. A metalurgia dotou o homem de melhores condições de sobrevivência na natureza e, em geral, era um fator de superioridade militar em face dos grupos humanos que não sabiam trabalhar o metal.

A domesticação de algumas espécies animais foi tão importante quanto a agricultura. Antes, os animais viviam espalhados pelos campos e eram caçados pelo homem. Mas, depois, o homem aprendeu a criar alguns deles, alimentá-los, fazê-los reproduzir e mantê-los sob seu controle (confinados ou em rebanhos). Uma parte das pessoas começou a dedicar-se ao pastoreio. A criação de cabras, ovelhas e porcos forneceu leite, iogurte, lã, couro, carne e ajuda na agricultura (pois o gado pequeno servia para pisar e enterrar as sementes jogadas sobre o solo). O boi foi utilizado para puxar arados e carroças e para carregar peso. Os principais animais de transporte, entretanto, foram o asno, a mula e o onagro. Mais tarde, seriam comuns o camelo e o cavalo. O cachorro foi um dos primeiros animais domesticados e ajudava no pastoreio dos rebanhos.

Desde o neolítico, a participação dos animais domesticados na vida dos mesopotâmios não parou de aumentar. A quantidade de ossos desses animais achada nas escavações das aldeias neolíticas revela sua importância crescente. Depois, no período histórico, a economia mesopotâmica seria largamente baseada na domesticação (figura 11).



fig.11: Gado de pequeno porte sendo conduzido por um pastor. Relevo do palácio de Nimrud, século VIII a.C. Museu Britânico, Londres.

Controlando cada vez mais a produção de seus alimentos, o homem tornava-se menos dependente daquilo que a natureza lhe fornecia de forma espontânea. Mas é importante notar que a passagem para uma economia baseada no cultivo de cereais e na criação de animais não foi rápida nem completa. Na verdade, as novas formas de sobrevivência conviveram com as formas anteriores (a caça, a pesca e a coleta) e, muitas vezes, populações inteiras de agricultores e pastores voltaram a ser caçadores e coletores, por causa de um período de baixa fertilidade dos campos ou de pestes, que destruíam as lavouras e matavam o gado. O caminho das transformações foi longo e acidentado.

O nascimento da cidade

Durante a maior parte da pré-história, as populações eram nômades, isto é, mudavam constantemente de uma região para outra em busca de condições favoráveis para sobreviver. Naquele tempo, as habitações eram mais precárias: muitos grupos humanos viviam em cavernas; outros moravam em cabanas, que podiam ser logo abandonadas. As mudanças eram freqüentes e apenas os bens mais necessários eram transportados. Mas, no período neolítico, começou um processo de sedentarização (ou seja, a fixação dos homens em um território). A agricultura, a domesticação dos animais e as técnicas de controle do meio ambiente permitiram ao homem permanecer num mesmo lugar por mais tempo. Agora, as casas eram mais resistentes e apropriadas para uma permanência longa: muitas eram feitas de tijolos de argila, secos ao sol (figuras 12 e 13). A ocupação mais duradoura permi-

tiu uma adaptação ao meio ambiente e uma nova forma de organização da sociedade e do espaço que ela ocupava: iniciou-se a urbanização, ou seja, o surgimento das cidades.

Durante o 4.º milênio a.C., apareceram vários centros urbanos na Mesopotâmia, especialmente no sul (observe o mapa abaixo). Uma cidade mesopotâmica possuía muitas construções, como casas, templos, palácios, ruas, pontes, portos e muros que a protegiam. Perto dela (às vezes, dentro), ficavam os pomares, as hortas e os campos de cultivo. Em volta, estavam as estepes e os desertos. Uma das primeiras grandes cidades foi Uruk, no sul, com seus vários templos e cercada por uma muralha com aproximadamente 10 quilômetros de extensão, cuja construção foi louvada no texto 1.

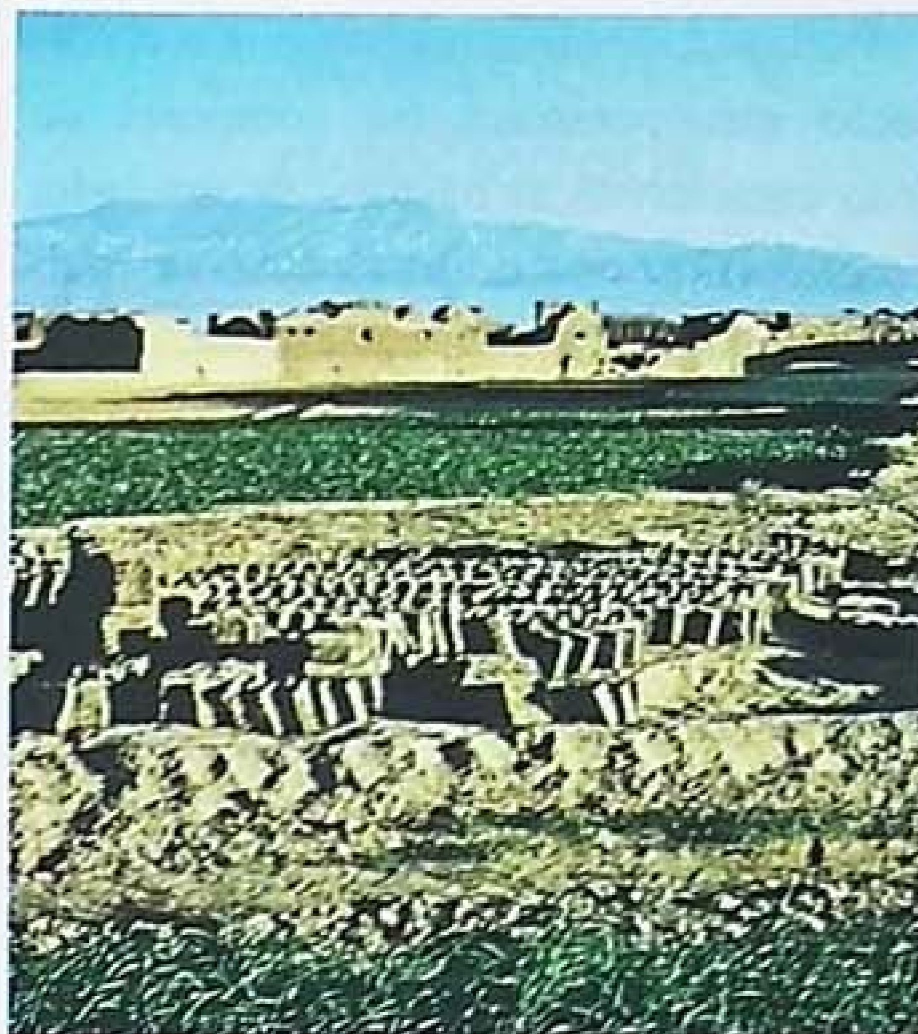


fig. 13: Ainda hoje, na região, os tijolos secos ao sol são largamente utilizados, especialmente nas construções mais populares.

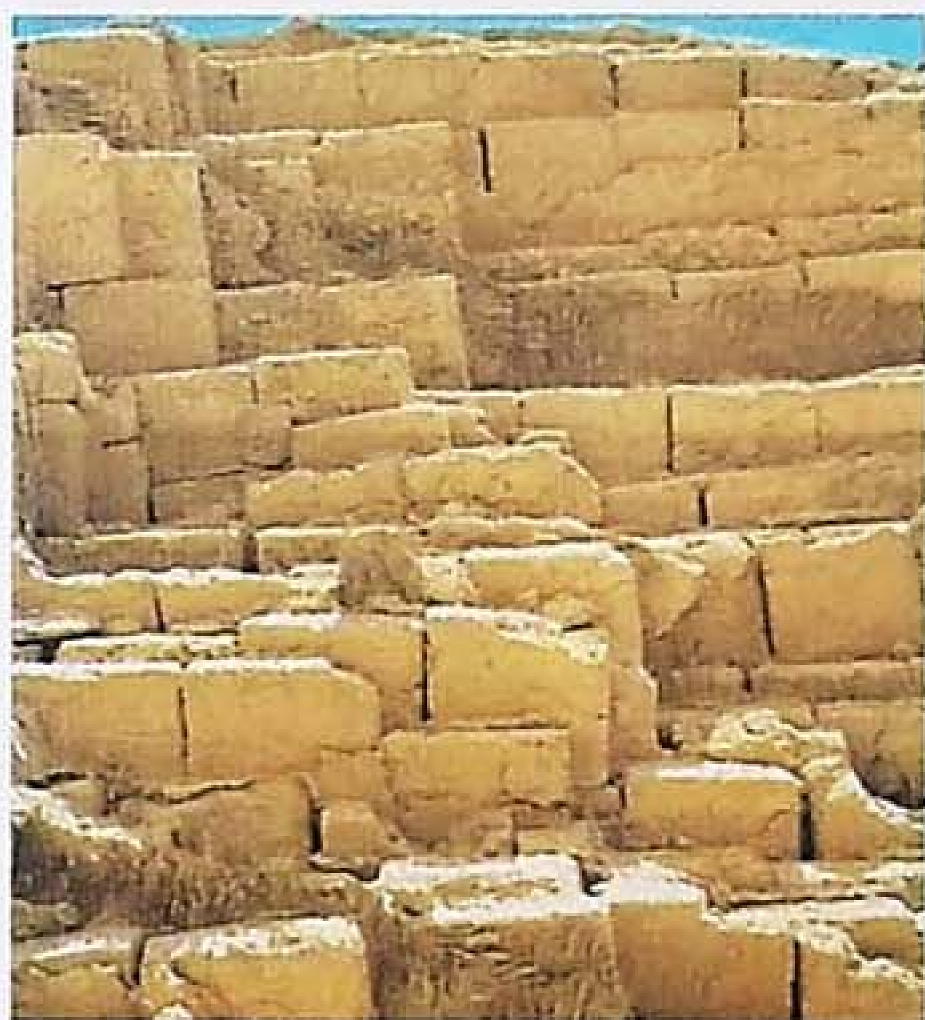


fig. 12: Os tijolos de argila foram a base da arquitetura mesopotâmica; com eles eram construídos os templos, os palácios e as casas.

1. *"Sobe nas muralhas de Uruk e percorre-as;*
   Vê as fundações e examina os tijolos.
   Olha como são seus tijolos; são tijolos cozidos.
   Os sete sábios estabeleceram seus fundamentos"

(Epopéia de Gilgamesh-I: i16-19)



Portanto, desde seu princípio, a civilização mesopotâmica foi composta de duas características básicas: de um lado, a agricultura e a domesticação de animais; de outro, a vida nas cidades. Apesar disso, uma boa parte da população continuou nômade, principalmente as tribos de pastores, que viviam vagando pelo território em busca de pastagens para seu gado.

Transformações sociais

No final da pré-história, ocorreram muitas modificações na organização da sociedade. Os trabalhos ficaram mais especializados: cada trabalhador passou a concentrar-se em um ofício e a dominar melhor um conjunto de técnicas (uns dedicavam-se somente à agricultura; outros, ao artesanato e assim por diante).

Com as mudanças na economia e a melhoria na alimentação, a população cresceu e concentrou-se nas cidades. Vários grupos sociais diferentes se formaram (uns tinham muita riqueza, enquanto outros eram mais pobres; uns tinham poder político, prestígio e influência, enquanto outros não). A partir daí, a desigualdade tornou-se uma característica da vida social. Essas desigualdades — políticas, sociais, econômicas — fizeram com que surgissem várias camadas sociais diferentes e as relações entre elas foram marcadas por tensões e conflitos. Ao mesmo tempo, surgiam templos e palácios, que concentravam muitos poderes, sendo controlados pelas camadas privilegiadas, como reis e sacerdotes.

Um dos sinais mais evidentes das transformações foi o aparecimento da escrita, por volta de 3300 a.C. Até onde podemos saber hoje, ela surgiu pela primeira vez na Mesopotâmia. No começo, a escrita serviu para controlar a circulação de produtos, os recebimentos e os pagamentos feitos pelos templos e palácios. Era uma espécie de sistema de contabilidade; composto por desenhos que significavam um bem qualquer (um boi, um peixe, a cevada) e sinais que indicavam as quantidades e as medidas (figura 14). Com o tempo, o sistema foi modificado e transformou-se na escrita chamada cuneiforme, que foi utilizada para registrar textos religiosos, mitos, poemas, cartas, inscrições dos reis, contratos etc. A utilização da escrita demonstra que a sociedade estava ficando bem mais complexa: agora, apenas o uso da palavra falada já não era suficiente para regular as relações entre as pessoas.



fig. 14: Tablete de argila proveniente de Uruk com os primeiros estágios da escrita: na parte superior, são registradas várias quantidades de cereais.

Não ocorreram, porém, apenas mudanças nas técnicas e na economia. Lentamente, as pessoas modificavam sua forma de pensar e compreender o mundo e mudavam seus comportamentos e suas relações com o universo, com o divino, com os demais homens. Um exemplo das mudanças é a nova forma de ver a natureza, que pode ser observada na arte: nesse período, as imagens criadas valorizam a idéia de fertilidade, representando-a através de figuras maternais, mulheres grávidas com seios e ventres avolumados, cenas de relações sexuais e partos (figura 15).



fig.15: Estatueta neolítica encontrada em Hacilar, na Anatólia: uma mãe segura o filho. Museu Arqueológico de Ancara.

Sumérios e acadianos

Foram duas as principais populações responsáveis pela construção da sociedade mesopotâmica: os sumérios e os acadianos. Os sumérios foram um dos primeiros grupos a chegar à região. Sua origem é incerta,.e a língua que falavam não se parece com nenhuma outra que conhecemos. Foram eles que inventaram a escrita cuneiforme, fundaram muitas das cidades do sul e dominaram a Mesopotâmia durante quase todo o 3.° milênio a.C. Depois, foram sendo dominados pelos acadianos, que incorporaram grande parte de sua cultura.

Os acadianos foram o outro grupo que formou a população mesopotâmica. Eram semitas orientais e sua língua era aparentada ao árabe e ao hebraico. Vários grupos que invadiram a Mesopotâmia adotaram dialetos acadianos. Os principais foram os babilônios e os assírios, que dominaram a Mesopotâmia durante grande parte do 2.° e do 1.° milênios a.C. É a história desses povos que veremos a seguir.

2. A economia e a sociedade

A vida na antiga Mesopotâmia transcorria entre dois ambientes diferentes, mas intimamente ligados entre si: o campo e a cidade. Neles, homens e mulheres obtinham seu sustento, realizavam seus trabalhos, conviviam com suas famílias e seus vizinhos.

Não havia uma separação rígida entre a zona rural e a zona urbana, e muitas pessoas viviam entre uma e outra. Mesmo assim, podemos salientar algumas diferenças entre elas, os modos de vida próprios de cada uma e as formas como se relacionavam.

A vida nas aldeias

Os historiadores e os arqueólogos enfrentam grandes dificuldades ao tratarem da vida das aldeias na antigüidade, pois não possuem quase nenhum documento proveniente diretamente delas. Enquanto, nas cidades, utilizavam-se materiais mais resistentes, como a pedra, os metais e o barro bem cozido, as matérias-primas usadas nas aldeias para construir casas e fabricar ferramentas eram mais fracas (como as fibras vegetais, as madeiras, o couro) e não sobreviveram muito depois da destruição ou desocupação de um lugarejo. Para agravar ainda mais a situação, a arqueologia concentrou sua atenção nas escavações das cidades, esquecendo-se da zona rural. Além disso, nas aldeias geralmente não se usava a escrita; desse modo, as poucas informações que temos vêm de documentos escritos feitos nas cidades. Assim, o nosso conhecimento sobre a vida nas aldeias é cheio de lacunas e incertezas.

Uma destas incertezas é o papel da comunidade rural na história da Mesopotâ-

A economia do Iraque

Desde a antigüidade, a economia da região mudou muito. Hoje, os principais produtos do Iraque são o petróleo e seus derivados. Há uma importante indústria petroquímica e, nos últimos anos, o governo fez pesados investimentos em armamentos. A Guerra do Golfo prejudicou bastante a economia do país, principalmente devido à proibição de exportação de petróleo e gás natural. A agricultura continua sendo uma atividade importante, baseada nos vales do Eufrates e do Tigre.

mia. Uma comunidade é formada por pessoas que residem próximo umas das outras, têm interesses comuns e agem em conjunto para resolver os seus problemas. Acredita-se que deve ter sido dessa maneira durante o período neolítico na Mesopotâmia: os habitantes de uma aldeia (ou de um conjunto delas) reuniam-se para construir os diques nos rios, abrir e limpar os canais de irrigação, preparar o solo, plantar as sementes e colher seus frutos. A posse do solo, certamente, era coletiva.



fig. 17: Este obelisco de pedra registra as compras de terras do rei Manishtusu, de Acade (cerca de 2 270 a.C.). Museu do Louvre, Paris.

Mais tarde, entretanto, essa unidade coletiva foi sofrendo grandes transformações. No fim do 3.º milênio a.C., é provável que as famílias já não cultivassem os campos coletivamente e cada uma tivesse a posse de seu lote de terra, embora alguns trabalhos continuassem a ser feitos por todos, como o controle das águas, por exemplo.



fig. 16: Nesta impressão de um selo-cilíndrico de cerca de 2 220 a.C., um boi puxa um arado acoplado a um semeador. Museu Ashmolean, Oxford.

O grupo familiar dessa época não era formado apenas pelos pais e seus filhos, mas era o que chamamos "família alargada", isto é, composta por duas ou três gerações vivendo sob o mesmo teto. Quando os filhos casavam, traziam suas esposas e continuavam morando e trabalhando nas terras de seus pais.

Como cada família alargada passou a controlar os seus campos e as suas plantações, algumas começaram a vender as suas terras para pessoas mais poderosas (como o rei, os nobres e os sacerdotes), que tinham bens ou metais para dar em troca. Os demais membros da comunidade ainda tinham algum direito sobre as terras vendidas, assim eles também recebiam presentes pelo negócio (figura 17). Outras famílias dividiam os seus campos entre os filhos. Os registros de heranças, comuns nessa época (como este do texto 2), são alguns exemplos de documentos encontrados nas escavações.

2. *"9216 m^2 de pomar na margem do canal Mami-danat, vizinho do pomar do porteiro de Shamash é a parte de Ishtar-ili.*
9216 m^2 de pomar na margem do canal Mami-danat, vizinho do pomar de Sin-mushalim é a parte de Sin-shemi (...)
Que eles não briguem um contra o outro."

(Documento da partilha de herança entre dois irmãos, séc. XIX a.C. — TCL X,31)

O aumento das vendas e das heranças, a partir de fins do 3.º milênio a.C., era um sinal da desintegração da família alargada, que foi sendo substituída pela família nuclear (composta apenas pelos pais e seus filhos). Com isso, a comunidade rural dei-

xou de controlar aspectos importantes da economia (p. ex., o cultivo do solo, a organização dos trabalhos). No entanto, sobreviveu como uma organização que defendia os interesses dos habitantes das aldeias, resolvendo disputas entre seus membros e procurando preservar seus direitos perante os templos e os palácios.

Durante toda a história mesopotâmica, a família (alargada, depois nuclear) foi uma verdadeira unidade econômica, composta não apenas pelos parentes, mas também pelos seus bens: terras, instrumentos, animais, móveis etc. A economia doméstica era realizada basicamente com a mão-de-obra dos membros da família. Às vezes, nas épocas de maior necessidade, como no plantio e na colheita, eram contratados trabalhadores e alugados animais para ajudar (veja o texto 3). Muitas pessoas mais pobres, que não tinham suas próprias terras, viviam de prestar serviços aos demais: eram carroceiros, ceifadores, pastores etc. Algumas famílias mais ricas possuíam escravos. Mas, no geral, estes não foram numerosos.

3. *"10 litros de cevada será o aluguel de um burro e 10 litros será o salário de seu condutor. Ele deverá conduzi-lo o dia inteiro."*

(§ 10 das Leis de Eshnunna)

A economia rural

Nos campos mesopotâmicos, as principais plantações eram de cevada, um cereal muito utilizado na alimentação da população (na forma de pão e cerveja) e dos animais. O trigo também foi cultivado, principalmente no 3.° milênio a.C. Outra planta muito utilizada era o sésamo, que produz o gergelim, do qual se extraía o óleo utilizado na alimentação e como combustível para a iluminação. O linho era usado na fabricação de tecidos, do mesmo modo que, mais tarde, o algodão.

Nos espaços vagos dos campos de cereais e nos pequenos terrenos junto às casas, eram feitas hortas com vários legumes e hortaliças. Os documentos falam freqüentemente de cebolas, alhos, pepinos...

Havia também plantações de árvores para a obtenção de madeira de segunda (já que a boa madeira era rara na região). Das regiões pantanosas do sul era possível extrair madeiras de qualidade inferior e juncos, usados na construção das cabanas das aldeias e mesmo nas cidades. A principal árvore frutífera era a tamareira (figura 18).



fig. 18: As tamareiras precisavam ser polinizadas artificialmente. Neste relevo do palácio de Nimrud, uma divindade alada fecunda a árvore com o pólen.

A agricultura era complementada pela pecuária. A criação dos animais podia ser feita nas próprias aldeias, em pequena escala (não era raro os animais habitarem nas casas, junto com as famílias). Mas os grandes rebanhos eram freqüentemente levados para longe, em busca de pastagens. Uma parte da aldeia era composta por pastores, que permaneciam bom tempo fora e voltavam para trocar seus ani-

Salinização: a inimiga da agricultura

Um dos problemas mais sérios da agricultura mesopotâmica foi a salinização: a água utilizada na irrigação dos campos fazia acumular na terra o sódio e outros elementos químicos, que dificultavam a germinação das sementes. Isso provocou várias crises de produção na antigüidade e, ainda hoje, continua a ser um obstáculo à agricultura na região.

mais com os agricultores ou para alimentá-los com os restos das plantações após as colheitas (figura 19).

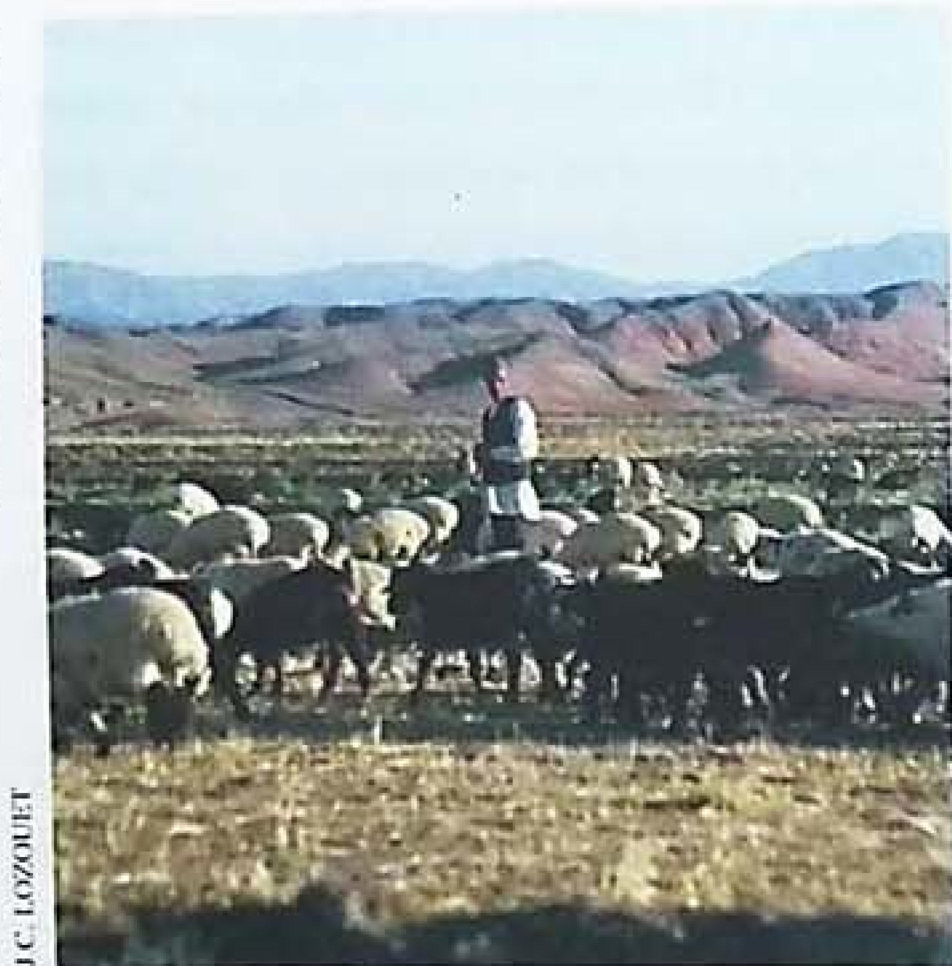


fig. 19: Gado miúdo pastando na planicie. Com a chegada do inverno nas montanhas, os pastores levam os rebanhos para os vales em busca de alimentação.

J.C. LOZOUET

O rebanho principal era composto por gado miúdo (ovelhas e cabras), além de porcos. Dessas criações provinham o leite e seus derivados (iogurtes e queijos), a carne e a lã. Já os bois eram aproveitados para o arado e, junto com asnos e onagros, para puxar carroças (figura 20). Mais tarde, cavalos e camelos foram muito usados, principalmente na guerra.



fig. 20: Carro puxado por animais. Estatueta de bronze encontrada no templo de Shara em Tell-Agrab, período pré-dinástico. Museu do Iraque, Bagdá.

Nas aldeias também se fazia um artesanato diversificado. Como tinham menos recursos e técnicas do que as cidades, seus objetos eram mais simples. Mesmo assim, eram feitos potes de cerâmica, cestos de fibras vegetais, ferramentas de pedra, madeira, osso e, às vezes, metal, além de peças de couro e tecido.

Apesar de existir uma certa especialização (por exemplo, famílias inteiras dedicavam-se exclusivamente à fabricação de cerâmica), a tendência era cada casa (isto é, cada unidade econômica doméstica) produzir o máximo possível do que era necessário à sobrevivência. Mas sempre houve a necessidade e a oportunidade de trocar com outras famílias os bens que não eram produzidos ou que eram insuficientes. Nas aldeias, de fato, acontecia uma troca intensa. Do mesmo modo, os camponeses, os pastores e os habitantes da cidade trocavam seus produtos entre si, o que permitia diversificar o consumo.

Principalmente a partir do 2.º milênio, algumas famílias mais ricas tiveram grandes empreendimentos econômicos na zona rural: aldeias com campos de cereais à sua volta; pomares produzindo frutos que eram vendidos nas cidades; fazendas com rebanhos e oficinas onde a lã era transformada em tecido etc. Uma parte desta riqueza era investida na compra de casas, pomares, terrenos baldios (observe um contrato de compra no texto 4). Em algumas cidades, isso deu origem a uma camada de grandes proprietários de imóveis.

4. *"Adad-rabi comprou de Sin-eribam, filho de Ubar-shamash, 24m² de terreno construído, ao lado do imóvel de Ishtar-ili e ao lado do imóvel de Arpitum.*
Como seu preço total, ele pagou 167 gramas de prata."

(Registro de uma compra de imóvel, séc. XIX a.C. — TCL X,14)

De forma geral, esses proprietários controlavam seus negócios a partir das cidades e tinham boas relações com os palácios: a riqueza de muitos deles vinha, justamente, dos serviços que prestavam aos templos e aos reis, por exemplo, como mercadores. Além disso, os bens podiam garantir àqueles homens muitos privilégios, como uma

posição de destaque na sociedade e até mesmo um certo poder sobre os demais.

A vida nas cidades

Nas aldeias, a maior parte das pessoas dedicava seu tempo a algumas poucas e trabalhosas atividades: a agricultura, o pastoreio, o pequeno artesanato. Nas cidades, ao contrário, havia um maior número de especialidades e profissões: pedreiros; barbeiros; escultores; carpinteiros; artesãos de todos os tipos; pequenos e grandes comerciantes etc. As numerosas listagens feitas pelos palácios e templos revelam uma infinidade de servidores. Alguns foram representados em plena atividade, como na figura 21. Mas as cenas de trabalho não eram muito comuns na arte mesopotâmica.



fig. 22: Modelo de habitação feito de barro cozido encontrado perto de Hama, na Síria, datado do 3º milênio a.C. Museu Nacional, Damasco.



fig. 21: Cenas de trabalho dos servidores do rei Assurbanipal (883-859 a.C.). Relevo do palácio de Kalhu. Museu Britânico, Londres.

A população das cidades distribuía-se pelo palácio real, pelos templos e pelos bairros. Na verdade, nenhum desses lugares era exclusivamente residencial, pois os imóveis serviam para várias atividades ao mesmo tempo. A moradia do rei era também o centro da administração política e continha armazéns e oficinas em seu interior. O mesmo ocorria com os templos que, além de locais de culto, serviam igualmente a inúmeras atividades econômicas. Nas casas que formavam os quarteirões, misturavam-se moradias, oficinas de artesanato, armazéns, locais de comércio e currais, muitas vezes num único e pequeno prédio (figura 22). Algumas cidades chegaram a ter dezenas de milhares de habitantes, formando um agitado e diversificado formigueiro humano (figura 23).

Muito do cotidiano das cidades girava em torno dos templos e do palácio. Os sacerdotes constantemente promoviam cultos, rituais e procissões. O rei também tinha uma presença marcante. No final de suas campanhas vitoriosas, fazia desfilar na cidade os saques de guerra. Nas épocas de crise grave, distribuía alimentos à população e baixava decretos perdoando dívidas e impostos. Com esses atos, o soberano não só evitava uma revolta da população como também aumentava seu prestígio.



fig. 23: Restos de um quarteirão residencial da antiga cidade de Nippur: casas construídas lado a lado e um emaranhado de ruas e vielas formavam a paisagem.

> 5. *"Um credor não poderá exigir pagamento da casa de um acadiano ou de um amorita para quem (emprestou). Se ele exigir o pagamento, deverá morrer."*
> (Decreto do rei Ammi-saduqa. BM 80289: 55ss.)

A economia dos palácios e dos templos

Uma parcela considerável da produção de bens materiais era controlada pelos palácios. Desde o 3.º milênio os templos envolveram-se em muitas atividades econômicas. Durante o 2.º milênio, porém, a sua importância econômica diminuiu, sendo retomada apenas no 1.º milênio.

Os palácios e, muitas vezes, os templos possuíam oficinas em que eram feitos tecidos, objetos de cerâmica, peças de metal, estátuas, móveis, jóias. Como a Mesopotâmia era uma região pobre em metais, pedras e boas madeiras, as matérias-primas aí utilizadas eram buscadas em lugares distantes, para onde só os templos e palácios tinham, em geral, condições de organizar custosas e perigosas caravanas, que necessitavam de investimentos altos e de proteção contra os constantes ataques das tribos do deserto. Às vezes, também os mercadores organizavam caravanas, obtendo prata junto a vários pequenos investidores, que podiam ganhar com o sucesso da expedição ou perder com o seu fracasso (veja o mapa). O uso desse material raro na arquitetura, nas vestimentas e nos enfeites distinguia e dava prestígio às pessoas mais ricas e poderosas, como o rei e a rainha, príncipes e princesas, sacerdotes e altos funcionários. Muitos desses objetos foram encontrados nas tumbas escavadas pelos arqueólogos (como os da figura 24).



fig. 24: O manequim está adornado com jóias e enfeites encontrados nas "Tumbas Reais de Ur", datadas de cerca de 2500 a.C. Museu do Iraque, Bagdá.





fig. 25: "Estandarte de Ur" (cerca de 2500 a.C.). Nas duas fileiras de baixo, a população leva os seus tributos; no topo, o rei (ou sacerdote) e a sua corte fazem um banquete ao som da música. Museu Britânico, Londres.

No entanto, todos os bens produzidos pelos próprios palácios e templos não eram suficientes para seu sustento. Assim, outros rendimentos eram buscados na exploração da população das aldeias e das cidades. As formas de exploração eram principalmente duas: os impostos e os trabalhos forçados.

Uma parte dos bens produzidos pela população era entregue obrigatoriamente ao palácio na forma de imposto (e aos templos, na forma de oferendas). Uma das cenas mais comuns na arte mesopotâmica era, justamente, a procissão de pessoas levando seus produtos para os templos e palácios (figura 25). O palácio recolhia e armazenava esses impostos, usando-os em benefício próprio; por vezes, em caso de necessidade, redistribuía os produtos para a população, principalmente os alimentos e as sementes para o plantio.

Parte desses rendimentos era usada para abastecer os templos e palácios, pois muitos de seus membros não produziam seu próprio alimento. Outra parte era usada para o pagamento de servidores, na forma de rações. O restante era trocado por outros bens de que os palácios e templos necessitavam. A partir do final do 3.º milênio, tornou-se comum a distribuição de terras para que os funcionários produzissem seu próprio sustento.

Outra forma de exploração era o trabalho obrigatório nas obras realizadas pelo rei: construção de palácios, templos e muralhas; escavação e limpeza de canais de irrigação etc. Esta obrigação de prestar serviços, que atingia várias camadas da população livre, era a principal forma de exploração da mão-de-obra na antiga Mesopotâmia e foi uma das bases do poder econômico dos templos e palácios. As imagens encontradas nos palácios indicam que a sua capacidade de convocar e organizar essa massa de trabalhadores era enorme (figura 26), o que é confirmado



fig. 26: Trabalho forçado. Além de escravos, parte da população também trabalhava nas obras do rei. Relevo do palácio de Senaqueribe (705-681 a.C.), em Nínive. Museu Britânico, Londres.

pela dimensão das obras realizadas: palácios e templos monumentais e repletos de decorações; extensas muralhas; pontes sobre os rios; zigurates etc.

A escravidão existiu na Mesopotâmia: eram transformados em escravos os prisioneiros de guerra (figura 27) e também os homens livres que não conseguiam pagar suas dívidas (algumas famílias vendiam seus membros para conseguir rendas ou saldar débitos). No caso da escravidão por dívidas, os reis freqüentemente ordenavam a libertação das pessoas ou limitavam seu tempo de escravidão a alguns anos (texto 6). Em todo caso, a mão-de-obra escrava não foi dominante, e o sistema econômico mesopotâmico nunca chegou a ser escravista, como ocorreria, mais tarde, na Grécia e em Roma.

6. *"Se uma dívida pesa sobre um homem e ele vendeu sua esposa, seu filho ou sua filha ou entregou-se em escravidão pela dívida, eles trabalharão durante três anos na casa de seu comprador ou daquele que os possui. No quarto ano, eles serão libertados."*

(§ 117 do Código de Hammurabi)

3. Mitologia, religião e pensamento

Como surgiu o mundo onde vivemos? De onde viemos? O que será depois, quando a vida acabar?

Os homens mesopotâmicos também sentiam-se incomodados com essas e outras dúvidas e procuravam decifrar os seus enigmas. Em geral, suas respostas diferem muito do que entendemos por ciência hoje em dia: eram explicações mitológicas.

Um mito conta uma história, inventada ou baseada em fatos reais. Algumas dessas histórias buscam explicar os fenômenos que os homens observam na natureza (como, por exemplo, o nascimento diário do sol); outros buscam contar a origem de um povo, mostrando como viviam seus antepassados e assim por diante.

Em todo caso, o mito não pode ser visto simplesmente como uma mentira, nem como uma forma de pensamento atrasada ou irracional. Pelo contrário, o mito é a for-



fig. 27: "Estandarte de Ur". Os derrotados na guerra são despidos e feitos prisioneiros; seu destino será a escravidão. Museu Britânico, Londres.

ma que certas sociedades têm de explicar para si mesmas e para os outros os mistérios do mundo em que vivem. Por isso, as narrativas mitológicas são um valioso documento para que o historiador conheça a mentalidade dos homens do passado.



fig. 28: Parede externa do templo de Inanna, em Uruk, mandado construir pelo rei cassita Karaindash (cerca de 1430 a.C.). Museu do Iraque, Bagdá.

O surgimento do mundo

Ao longo de sua história, os habitantes da Mesopotâmia contaram várias versões mitológicas sobre o surgimento do mundo e da humanidade. Lendo seus textos, contudo, é possível perceber uma narrativa predominante, que foi passada de geração para geração, com algumas modificações.

Segundo os sumérios, no princípio de tudo, havia um grande Mar, onde misturavam-se todas as coisas. Era uma situação caótica, em que não se podia distinguir um elemento de outro. Sem sabermos exatamente como, aquele Mar (que os sumérios consideravam uma divindade, a deusa Nammu) deu origem ao Céu e à Terra. Os dois formavam uma única montanha, da qual a Terra era a base e o Céu era o topo, e de sua união nasceram vários deuses. Depois disso, um deles, chamado Enlil, separou o Céu e a Terra. Enlil fez da Terra o seu reino; An, um outro deus, ficou com o Mundo Superior, o Céu. Existia ainda um Mundo Inferior, que foi destinado a uma deusa, Ereshkigal (leia como os sumérios contavam essa aventura no texto 7).

7. *"Naqueles dias, aqueles dias antigos*
Naquelas noites, aquelas noites antigas
Naqueles anos, aqueles anos antigos
Quando o Céu havia sido separado da Terra
E que a Terra havia sido separada do Céu
An tendo levado consigo o Céu
E Enlil tendo levado consigo a Terra
E dado o Mundo Inferior a Ereshkigal..."

(Prólogo do mito sumério Gilgamesh, Enkidu e o Inferno: 1ss.)

A ilustração abaixo mostra, aproximadamente, como os sumérios concebiam o universo. Como se vê nela, a terra flutuava sobre um oceano de águas doces, chamado Abzu.



A seguir, os deuses criaram tudo aquilo que existia na natureza (os rios, as chuvas, os pântanos, as estepes...) e também tudo o que estaria presente na vida em sociedade (os trabalhos agrícolas, as cons-

truções, a escrita, as guerras, o amor...), estabelecendo o papel e o destino de cada elemento criado. Portanto, os mesopotâmios acreditavam em uma origem divina de tudo que fazia parte de suas vidas.

É importante notar que os mitos mesopotâmicos viam a criação do mundo como uma superação do caos que existia no princípio de tudo, ou seja, como um processo de separação e de ordenamento das coisas. Mas a nova ordem criada pela vontade dos deuses não era definitiva. Nada garantia a sua continuidade, e eram necessários esforços e cuidados para manter o universo funcionando. Tanto os deuses quanto os homens deviam lutar constantemente contra as forças que ameaçavam a ordem reinante. Na figura 29, vemos o que provavelmente deve ter sido a luta do deus Ninurta, defensor da ordem, contra o demônio Asag. Uma característica importante da religião mesopotâmica foi sua função de conservar uma situação que se acreditava estabelecida pelos deuses, o que contribuiu enormemente para manter inalterada a ordem social, já que tudo se justificava como vontade divina.



fig. 29: Plaqueta de argila cozida; período babilônico antigo. Museu do Iraque, Bagdá.

A criação do homem

O deus Enki era considerado uma divindade inventiva e engenhosa e foi ele, segundo alguns relatos, que teve a idéia de criar a humanidade. Mas por quê?

Os mitos contam que, no início dos tempos, os deuses não tinham quem trabalhasse por eles e nunca conseguiam comer e beber o bastante (veja o texto 8).

8. *"Os Anunna (deuses maiores) da sagrada montanha*
Bebiam o leite delicioso de seu divino curral,
Entretanto, jamais chegavam a se fartar."
(Mito sumério Cereal contra Gado Miúdo: 33-35)

Além disso, algumas divindades, que sustentavam as demais, consideravam-se exaustas de seus afazeres e revoltaram-se, exigindo uma solução para sua sofrida existência (texto 9). Foi, então, para substituir os deuses nos trabalhos que o homem foi criado (texto 10).

9. *"Vamos encontrar o prefeito, nosso chefe (Ninurta)*
Para que ele nos livre de nossas pesadas obrigações.
O bravo soberano dos deuses (Enlil),
Venham, vamos tirá-lo de sua pousada."
(Atrahasis, fragmento K8562a: 41-44)

10 *"Na fábrica de carne de Duranki (a cidade de Nippur),*
Nós sacrificaremos dois (?) Alla divinos
E de seu sangue faremos nascer os homens.
A obrigação dos deuses será sua obrigação:
Eles delimitarão os campos, de uma vez por todas;
Eles tomarão em suas mãos enxadas e cestos
Em benefício do templo dos grandes deuses (...)
Eles construirão o sistema de irrigação
Para regar todos os lugares
E fazer crescer toda espécie de planta (...)
Eles cultivarão os campos dos Anunna,
Aumentando a riqueza do país,
Celebrando com dignidade as festividades dos deuses,
Vertendo água fresca no Grande Templo."
(Narrativa bilíngüe da Criação do Homem:18-38)

O mito da criação do homem cumpria, assim, um papel importante na mentalidade e na vida social mesopotâmica. Em primeiro lugar, oferecia aos homens um modelo de comportamento a ser seguido e uma forma de relação com o meio ambiente: estimulava e justificava a intervenção humana na natureza para dominar suas forças e fazê-la produzir bens. Em segundo lugar, o mito apresentava como uma obrigação das pessoas doar parte de seu trabalho e de sua produção para o sustento dos deuses, isto é, de seus templos e de seus representantes na terra: sacerdotes e reis.

Como vimos no capítulo 2, as várias formas obrigatórias de entrega dos bens e de trabalho forçado foram as bases do sistema econômico mesopotâmico e significaram a exploração da população pelos templos e palácios. De certo modo, os mitos contribuíram para isso, ao mostrar que a principal função da humanidade era trabalhar para os deuses.

A ira dos deuses

A mitologia também mostrou que tudo podia ser destruído pelos deuses se os homens não cumprissem seus deveres ou se as divindades, por qualquer motivo, fossem irritadas. Muitos séculos antes da Bíblia, os mesopotâmios já sentiam-se ameaçados pelo terrível mito do dilúvio, que contava como os deuses decidiram acabar com a humanidade através de uma inundação gigante. Os homens só escaparam da extinção completa porque o deus Enki resolveu alertar um escolhido (Ziusudra para os sumérios; Uta-napishtim ou Atrahasis para os assírios e babilônios) para que fizesse um barco a fim de salvar-se (textos 11 e 12). É interessante notar que a hitória de Noé, narrada pela Bíblia, é muito parecida com a do dilúvio dos mitos mesopotâmicos. A lembrança de uma tão cruel destruição servia como um alerta para que os homens cuidassem, aqui na terra, da obra criada pelos deuses.

11. "Ó homem de Shuruppak, filho de Ubar-tutu,
Demole tua casa e constrói um barco;
Renuncia a tuas riquezas a fim de preservar tua vida;
Desfaze-te de teus bens para ficares a salvo.
Embarca contigo espécimes de todos os seres viventes.
O barco que tu fabricarás
Deve ser uma construção perfeita,
Com a largura igual ao comprimento..."

(Instruções de Éa a Uta-napishtim na Epopéia de Gilgamesh, XI: 23-30)

12. "Golpes de vento e tempestade precipitavam-se,
Enquanto o dilúvio engolia a cidade.
E quando — após sete dias e sete noites —
O dilúvio havia recoberto o país,
E o barco fora sacudido pelos ventos sobre as águas,
Utu (o deus Sol) reapareceu, iluminando céu e terra.
Ziusudra, então, fez uma abertura no barco,
Pela qual Utu, o valente, clareou a embarcação.
Ziusudra, o rei,
Ajoelhou-se diante de Utu
E sacrificou em abundância bois e carneiros..."

(O dilúvio segundo o relato sumério encontrado em Nippur, V: 201-211)

O sentimento religioso

Uma primeira característica importante da religião mesopotâmica é o politeísmo, isto é, a crença em vários deuses. Na verdade, os homens mesopotâmicos viam o seu mundo povoado por uma infinidade de forças sobrenaturais, divindades e demônios. Isso não impedia, no entanto, que cada pessoa ou cidade cultuasse um deus em particular, como seu protetor maior (a lista a seguir contém algumas das principais divindades e as cidades onde eram mais adoradas).

AS PRINCIPAIS DIVINDADES

An ou *Anum:* seu nome significa céu; é pai dos deuses e fundador da dinastia divina; protetor de Uruk.

Enlil: deus da atmosfera; senhor dos deuses e controlador dos destinos; cultuado principalmente em Nippur.

Ninhursag, também chamada *Ninmah:* deusa-mãe, ligada à terra e à fertilidade.

Enki, chamado *Éa* pelos acadianos: senhor das águas doces (Apsu); deus da sabedoria; inventor do homem e das técnicas; tinha um templo em Eridu.

Utu, conhecido pelos acadianos como *Shamash:* deus do sol; associado à idéia de justiça; protetor das cidades de Larsa e Sippar.

Inanna, Ishtar para os babilônios e assírios: deusa do amor e da guerra; protetora de Uruk.

Marduk: deus supremo dos babilônios; filho de Enki.

Assur: deus principal dos assírios, dotado de forte caráter bélico.

Nergal ou *Erra:* senhor do Mundo Inferior; esposo de Ereshkigal.

Ereshkigal: soberana do Mundo Inferior.

Outra característica é que o culto aos vários deuses e as diversas práticas religiosas acumulavam-se meio desordenadamente, impedindo a origem de uma doutrina religiosa única e rígida. Por isso era freqüente a aceitação de novas crenças e de novos deuses.



fig. 30: Nesta estela, os deuses aparecem representados por símbolos e animais: a lua é o deus Sin e o escorpião é a deusa Ishhara, por exemplo. Museu Britânico, Londres.

No início, os mesopotâmios adoraram como divindades os fenômenos naturais: o sol, a lua, a tempestade, os ventos e assim por diante. Mais tarde, as divindades ganharam forma humana (é o que chamamos de antropomorfismo), embora, muitas vezes, os deuses continuassem a ser representados por símbolos ou animais (figura 30). A mudança para a forma humana parece ser decorrência de uma progressiva associação do mundo divino com o mundo dos mortais: com o aparecimento das cidades e das dinastias reinantes, os homens começaram a pensar o mundo divino a partir da nova realidade política. Desta forma, os deuses ganharam qualidades e aspectos humanos inspirados no modelo da monarquia.

Para os mesopotâmios os deuses possuíam uma personalidade ambígua e instável: ora eram benevolentes e provedores das necessidades humanas (texto 13), ora eram irados e destrutivos (texto 14). Do mesmo modo, os demô-

13. "Quando tua palavra deita sobre a terra,
Uma vegetação verdejante cresce.
Tua palavra engorda o curral de ovelhas e bois;
Ela faz vigorosas todas as criaturas."

(Hino ao deus Nanna: rev. 1-2)

14. "Enlil chamou a tempestade; o povo geme.
A tempestade do dilúvio ele fez surgir da terra; o povo geme.(...)
A tempestade que arrasa a terra ele chamou; o povo geme.
Os maléficos ventos ele chamou; o povo geme."

(Lamentação sobre a destruição de Ur: 173-179)

nios que habitavam o mundo, e que eram executores das vontades divinas, também podiam ser bons ou maus. As imagens de alguns demônios eram usadas pelas pessoas e nas casas como amuletos de proteção (figura 31).



Essa variação no caráter das divindades e das outras forças do universo contribuiu decisivamente para dar um aspecto pessimista e defensivo ao modo como o mesopotâmio concebia a vida. Os deuses inspiravam, antes de mais nada, temor. Devia-se amá-los, mas com um amor submisso e respeitoso, como o demonstrado pelo fiel da figura 32, pois eram seres superiores, que podiam trazer tanto o bem-estar como a ruína para a pessoa ou para todo o reino.

Daí podermos dizer que o sentimento religioso mesopotâmico foi, predominantemente, de aflição em face de um mundo desfavorável, povoado por deuses e forças que, sem mais, poderiam voltar-se contra a humanidade.



fig.32: Estatueta de um fiel orador oferecida ao deus Amurrum (cerca de 1800 a.C.). Museu do Louvre, Paris.

Templos e sacerdotes

Desde muito cedo, os templos surgiram como o principal espaço religioso. Já vimos no capítulo 2 a sua importância

O Islamismo

A antiga religião politeísta mesopotâmica desapareceu completamente. Atualmente, a população da região é predominantemente islâmica. O islamismo é uma religião monoteísta (isto é, com adoração de um único deus, chamado Alah), criada pelo profeta Maomé, no século VII depois de Cristo. O islamismo expandiu-se pelo Oriente Próximo e pelo norte da África com a migração dos povos árabes. O livro sagrado da religião islâmica é o Alcorão.

fig. 31: Estatueta de bronze do demônio Pazuzu, considerado um protetor dos partos e dos recém-nascidos. Museu do Louvre, Paris.

econômica. Mas o templo foi principalmente uma instituição religiosa, responsável pelo culto aos deuses, pelos rituais e pelo recebimento das oferendas. Era considerado a moradia do deus, que se fazia presente nele pela sua estátua. Cada cidade podia ter vários grandes templos (o maior era, em geral, dedicado ao deus principal da cidade), além de pequenos santuários espalhados pelos quarteirões. Junto com os zigurates, os templos formavam um imponente conjunto de construções religiosas (figuras 33 e 34).

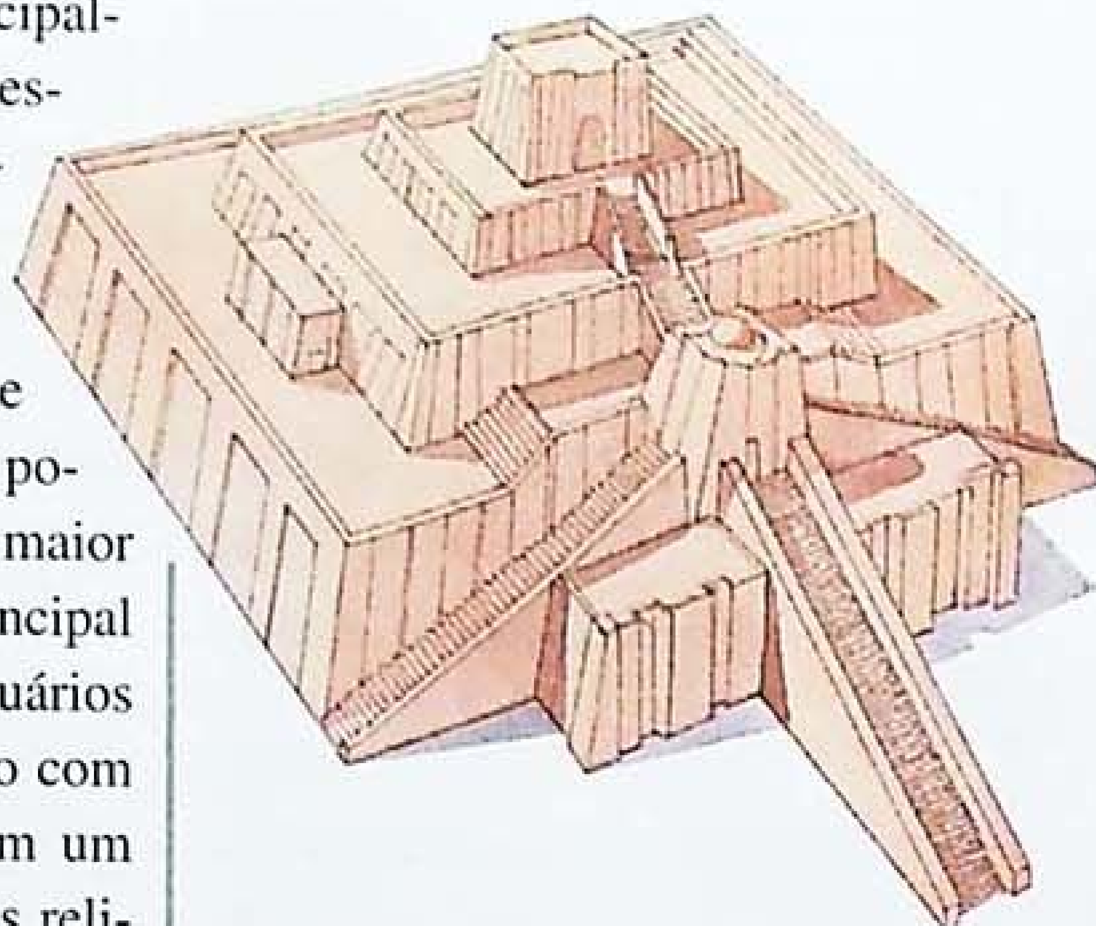


fig. 34: Reconstituição da provável forma original do zigurate de Ur.



fig. 33: O zigurate era um grande edifício religioso em forma de pirâmide. A foto mostra as ruínas do zigurate de Ur (cerca de 2 100 a.C.).

Um grande número de sacerdotes e sacerdotisas estava ligado aos templos, formando uma camada importante da sociedade. Sua função era cuidar do serviço religioso e também administrar os bens e negócios dos templos. Na cidade de Sippar, foram encontrados quarteirões inteiros que abrigavam as sacerdotisas, algumas das quais viviam enclausuradas e não podiam ter filhos. Os sacerdotes de alguns templos, como o do deus Enlil em Nippur, gozavam de grande prestígio e eram muito respeitados pelos reis, que lhes concediam vários benefícios.

Os templos, além de sua importância religiosa, foram os principais focos da cultura literária e artística na Mesopotâmia. Neles, ensinava-se a escrita cuneiforme e formava-se uma parte dos funcionários do rei. Os sacerdotes eram encarregados de formular e transmitir por escrito as tradições culturais mesopotâmicas, copiando e recopiando, durante milênios, os mitos, os hinos, as poesias etc.

Crenças e práticas religiosas

As oferendas ocupavam um lugar central na religião mesopotâmica: geralmente, eram feitas na forma de uma refeição oferecida à divindade, uma ou várias vezes por dia (figura 35). Muitos rituais e festividades também eram reali-



fig. 35: O rei Ur-nammu (2112-2095 a.C.) faz oferendas ao deus da lua, Nanna.

zados: por exemplo, o festival do Ano Novo, no qual os babilônios comemoravam a chegada da primavera (e da fertilidade que ela trazia) e a vitória das forças da ordem contra a desordem.

Os hinos e as preces tinham como objetivo principal estabelecer uma boa convivência com os deuses, acalmar a sua ira e obter o seu favor (texto 15). O mesmo

> 15. *"Minha família está dispersa; minha morada está destruída.*
> *Mas eu voltei-me para ti, minha senhora;*
> *minha atenção voltou-se para ti.*
> *Para ti eu orei; desculpa meu erro;*
> *Perdoa minha falta, minha injustiça, meu ato vergonhoso e minha ofensa (...)*
> *Faze reunir novamente minha família;*
> *Possa meu curral aumentar; possa meu estábulo aumentar.*
> *Aceita a humildade de meu gesto. Escuta minhas preces."*
> (Prece a Ishtar, STC,II,75s:78-91)

era buscado pela magia, que pretendia principalmente evitar ou pôr fim aos males causados pelos demônios. Isto era feito através de rituais de encantamentos e exorcismos, dos quais sobreviveram vários textos, como o 16.

> 16. "*Eu sou* (nome do solicitante),
> *filho de* (nome do pai),
> *Prisioneiro de um encantamento feito por uma feitiçaria.*
> *Ó sal, rompe o meu encantamento, dissolve a magia."*
> (Exemplo de um exorcismo feito com sal)

Mais ou menos ligada à religião, a adivinhação era um meio de o homem tentar saber o que os deuses tinham decidido sobre o futuro. Os mesopotâmios praticavam a leitura das entranhas dos animais sacrificados, do movimento dos astros no céu, do vôo dos pássaros, dos sonhos e de tantos outros sinais que possibilitassem adivinhar algo sobre o destino incerto. Até mesmo os soberanos recorriam à adivinhação para tomar decisões importantes e existiam sacerdotes especializados nesta função (texto 17 e figura 36).

> 17. *"Se um homem sonhar que está comendo um cadáver,*
> *Ele morrerá com a queda de uma tranca."*
> *"Se o Vento do Norte limpar a face do Céu até a aparição da Lua Nova,*
> *A colheita será abundante."*
> *"Se um cachorro entrar no palácio e deitar-se em uma cama,*
> *Este palácio adquirirá uma nova posse."*
> *"Se chover no 8.º dia do mês Ulul* (ago./set.) *haverá grande mortandade."*
> (Exemplos de adivinhações babilônicas)

Por último, cada mesopotâmio acreditava possuir um deus pessoal, que lhe servia de protetor e intercedia favoravelmente por ele junto às demais divindades. Normalmente, a relação do fiel com este deus pessoal era mais íntima e amigável do que com o restante das divindades.

Todas essas práticas e crenças — oferendas, preces, rituais, magia, adivinhação, deus pessoal — eram modos de os mesopotâmios tratarem com o sobrenatural e conseguirem sobreviver em um mundo onde as forças positivas e negativas estavam em eterno conflito.



fig. 36: Modelo de fígado feito de argila, usado para ensinar a adivinhação através da observação deste órgão do corpo. Museu Britânico, Londres.

fig. 37: Estátuas de adoradores encontradas em Eshnunna (cerca de 2000 a.C.); eram oferecidas aos deuses para proteger seus doadores. Instituto Oriental, Chicago.



A morte e os mortos

Ao lado de uma visão temerosa e pessimista da vida, os mesopotâmios tinham idéias sombrias e aterradoras sobre o que se passava após a morte. Acreditavam que, perecendo o corpo, uma parte imaterial da pessoa (uma espécie de "espírito") viajava para o Mundo Inferior, o "Lugar sem Retorno". Este era uma região escura e deprimente, onde habitavam a rainha dos Infernos, Ereshkigal, seu esposo Nergal e outras divindades e demônios infernais. Nele, o "espírito" do morto alimentava-se de poeira e lodo.

A religião não oferecia aos mesopotâmios a possibilidade de uma salvação ou de uma vida melhor no além. Os mortos estavam sempre condenados a uma existência miserável e apática. Apenas os cuidados dos parentes vivos podiam amenizar um pouco o sofrimento dos mortos: para isso, eram feitas oferendas, principalmente de alimentos e água fresca. Os vivos podiam também pedir a ajuda dos mortos (por exemplo, para curar doenças). Mas acreditava-se que, quando eram esquecidos, os "espíritos" voltavam para assombrar as pessoas.

Sem acreditar em uma vida melhor após a morte, os mesopotâmios valorizaram sobretudo o que se podia viver na sua passagem por este mundo. Essa visão explica, certamente, por que eles não ergueram grandes monumentos funerários nem se preocuparam com a preservação do corpo do morto, ao contrário do que faziam os egípcios. Na concepção mesopotâmica, os deuses gozariam da eternidade, mas os homens deviam apenas aproveitar a sua curta existência. Foi isto que aconselhou a divina Sidúri ao herói Gilgamesh, quando ele partiu em busca da imortalidade (texto 18).

18. "Tu Gilgamesh, enche tua barriga;
Alegra-te dia e noite (...)
Cuida do jovem que tu tens nas mãos.
Que tua amada alegre-se em teus braços.
Eis tudo o que pode fazer a humanidade."
(Epopéia de Gilgamesh — Tablete X, III: 6-14)

Este, que é o mais famoso mito da antiga Mesopotâmia, conta como Gilgamesh, apesar de ser filho de uma deusa com um homem, teria o mesmo destino dos demais humanos: a morte.

Outras formas de conhecimento

Apesar do predomínio de um pensamento mítico e religioso, existiam também outras formas de conhecimento, mais ligadas à observação e à experiência. Por exemplo, na matemática e na geometria eram conhecidos vários tipos de cálculos (figura 38).



fig. 39: Mapa do mundo feito pelos babilônios (cerca de 700 a.C.): um oceano circular envolve as várias regiões conhecidas. Museu Britânico, Londres.



fig. 38: Tablete de argila contendo cálculos de superficie de várias figuras geométricas (cerca de 1800 a.C.). Museu Britânico, Londres.

A observação dos astros levou, principalmente no 1.º milênio a.C., ao desenvolvimento de um vasto saber astronômico, muito útil para o controle do calendário lunar utilizado e das estações do ano, o que era fundamental para uma sociedade que dependia muito dos ciclos naturais (figura 39).

No campo da medicina, muitos órgãos e funções eram conhecidos e existiam profissionais especializados no tratamento das doenças.

É importante salientar, contudo, que essas e outras formas de conhecimento não se desligaram completamente da religião e da mitologia. Assim, um pensamento verdadeiramente científico nunca chegou a superar as crenças mesopotâmicas. Os mesopotâmios, inclusive, estavam convencidos de que todas as técnicas e o saber que possuíam eram um presente das divindades, especialmente de Enki, o deus da sabedoria, que comunicara os conhecimentos aos homens através dos sete sábios (sobre um deles, veja o texto 19).

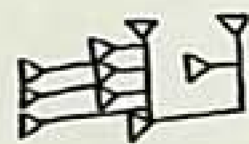
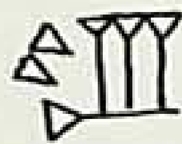
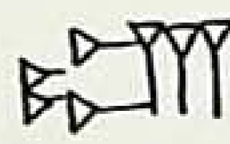
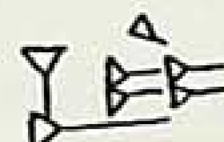
19. *"(O sábio Oanes) ensinou aos homens a escrita, as ciências e todas as técnicas, a fundação de cidades, a construção de templos, a jurisprudência e a geometria. Ele revelou-lhes a plantação dos cereais e a coleta dos frutos. Em suma, deu aos homens tudo o que constitui a vida civilizada."*

(Trecho da Babyloniaka, do sacerdote babilônico Berósios, cerca de 300 a.C.)

A ESCRITA CUNEIFORME

No princípio, os sinais eram *pictográficos*, ou seja, desenhavam aproximadamente aquilo que queriam significar: o desenho de uma mão significava a palavra "mão"; um galho de cereal significava "cereal" ou "grão de cereal". Após, os desenhos passaram a expressar idéias mais abrangentes: a mão poderia também significar "força" ou o verbo "proteger". Este segundo estágio chama-se *ideográfico*.

Mais tarde, os sinais ganharam valores fonéticos (passaram a expressar sons, geralmente de sílabas: ab; ba; bab). Assim, a mão — que em sumério se lia SHU — deu origem a sinais que poderiam ser lidos, nas línguas acadianas, como shu; qat; qad. Juntando-se vários sinais silábicos, formava-se uma palavra, por exemplo:

 shar	 ru	 um	*sharrum = rei*
 a	 wi	 lum	*awilum = homem*

A EVOLUÇÃO DOS SINAIS

	cabeça	*mão*	*montanha*	*vaca*	*cereal*
sinal arcaico c. 3500 a.C.					
sumério c. 2500 a.C.					
babilônico antigo c. 1800 a.C.					
médio-assírio c. 1100 a.C.					
neo-assírio c. 750 a.C.					

4. O poder do rei e outros poderes

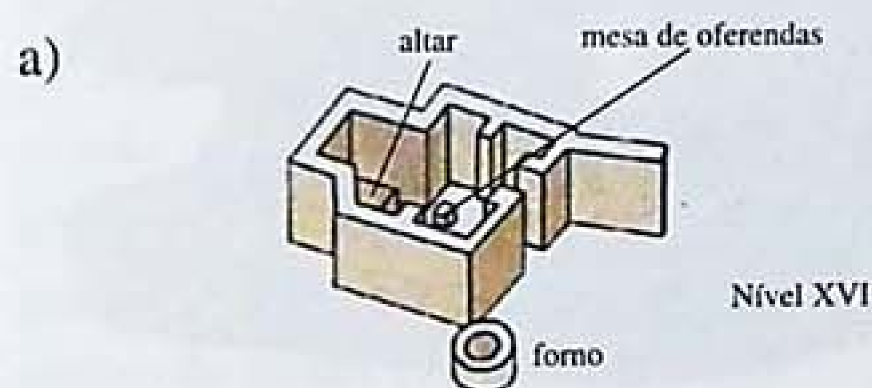
Sabemos muito pouco sobre as formas de poder durante o fim da pré-história. O mais provável é que, quando tinham de resolver algo que afetasse a sua vida, uma grande parte dos membros da comunidade se reunisse para tomar as decisões. Possivelmente, havia uma participação maior quando se precisava decidir se o grupo teria ou não de abando-

nar a região onde vivia ou se uma obra devia ou não ser feita. Isso não significa, contudo, que todos fossem iguais nem que todos participassem livremente das decisões, pois já existiam muitas diferenças sociais nas comunidades pré-históricas e, certamente, algumas camadas estavam excluídas da política, enquanto outras tinham maior influência.

Uma cidade-templo suméria?

As pesquisas arqueológicas mostram que, no decorrer do 5.º milênio a.C., os templos ficaram cada vez maiores e mais complexos. Como os edifícios eram feitos com tijolos de argila, era preciso reconstruí-los de tempos em tempos, às vezes, no mesmo lugar. Foi o que ocorreu na cidade de Eridu, onde os arqueólogos encontraram os restos de várias construções sobrepostas. As primeiras eram pequenos santuários, medindo não mais que 6 m², equipados com um altar e uma mesa de oferendas (figura 40-a). Alguns séculos mais tarde, por volta de 4000 a.C., o templo da cidade já era composto por uma estrutura bem maior e mais elaborada, ocupando uma área de cerca de 200 m², com um grande vão central cercado de numerosos compartimentos (figura 40-b). Essa evolução arquitetônica é um bom indício

a)



b)

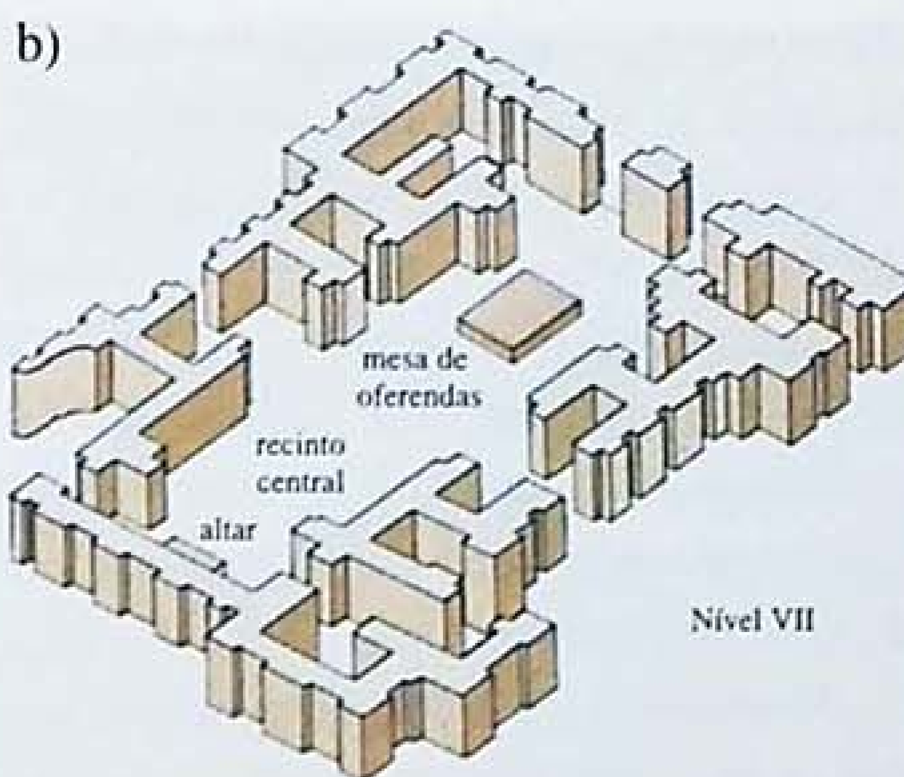
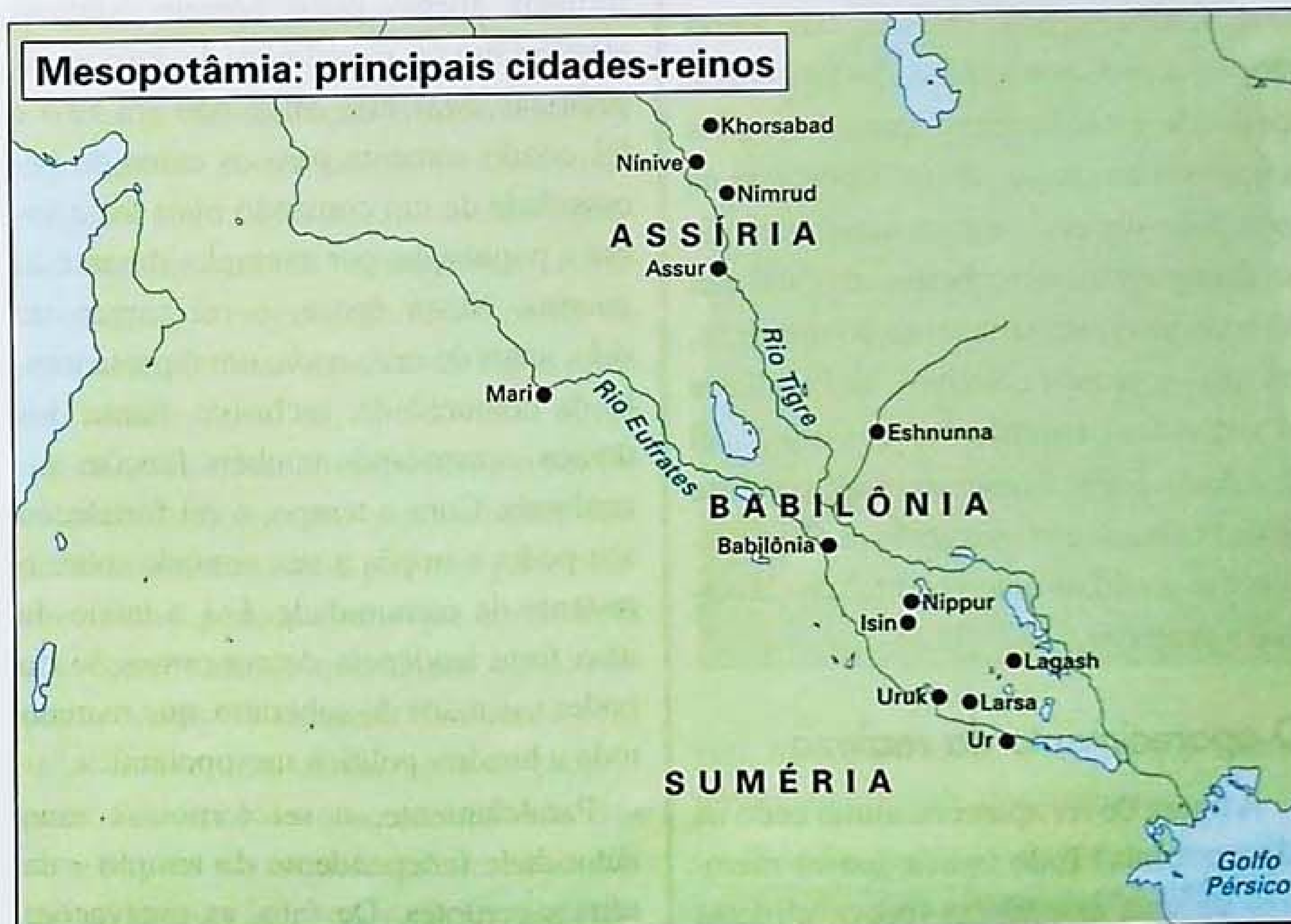


fig. 40: Reconstruções dos templos da cidade de Eridu: a) Santuário do nível XVI: cerca de 4 500 a.C. b) Templo do nível VII: cerca de 4 000 a.C.



da mudança no papel do templo mesopotâmico e do aumento de sua importância.

Com o aparecimento das cidades, no 4.º milênio a.C., surgiram novas formas de poder: vagarosamente, a comunidade deixou de governar sozinha o seu próprio destino e pelo menos uma parcela do poder passou para os templos, que se fortaleciam cada vez mais.



fig. 41: Estátua do rei Gudea, governante de Lagash entre 2141 e 2122 a.C. Museu do Iraque, Bagdá.

No início, o templo agia apenas como um organizador dos interesses da comunidade. Depois, tornou-se uma organização mais independente e poderosa. Isso levou alguns estudiosos a sugerirem que, entre 3 200 e 2 300 a.C., as populações sumérias vivessem em uma verdadeira cidade-templo: isto é, uma sociedade sob o domínio completo dos templos, que controlavam quase toda a terra fértil e os demais recursos naturais, além da maior parte dos trabalhadores e dos bens produzidos. Em uma situação como essa, é claro, os templos teriam uma grande influência política e cultural. Contudo, hoje em dia, tais idéias não são aceitas por todos os historiadores: apesar de reconhecerem que os templos ocupavam um lugar muito importante na sociedade suméria, alguns acreditam que os documentos descobertos nas últimas décadas mostrem uma situação diferente, em que os grupos coletivos, as famílias e os indivíduos também tinham um papel destacado. Entre os especialistas, o debate ainda continua, mas o templo já não é visto como o senhor único e absoluto das cidades sumérias.

O aparecimento da realeza

A figura do rei apareceu muito cedo na Mesopotâmia. Tudo indica que os membros de uma assembléia (provavelmente formada apenas pelos homens adultos) elegiam um rei para cuidar de tarefas específicas. Mas este cargo não era fixo e foi criado somente para os casos de necessidade de um comando mais forte sobre a população, por exemplo, durante as guerras. Nessa época, o rei parece ter sido, antes de mais nada, um representante da comunidade, inclusive diante dos deuses, acumulando também funções sacerdotais. Com o tempo, o rei fortaleceu seu poder e impôs a sua vontade sobre o restante da comunidade. Foi o início de uma forte tendência de concentração do poder nas mãos do soberano, que marcou toda a história política mesopotâmica.

Paralelamente, o rei tornou-se uma autoridade independente do templo e de seus sacerdotes. De fato, as escavações

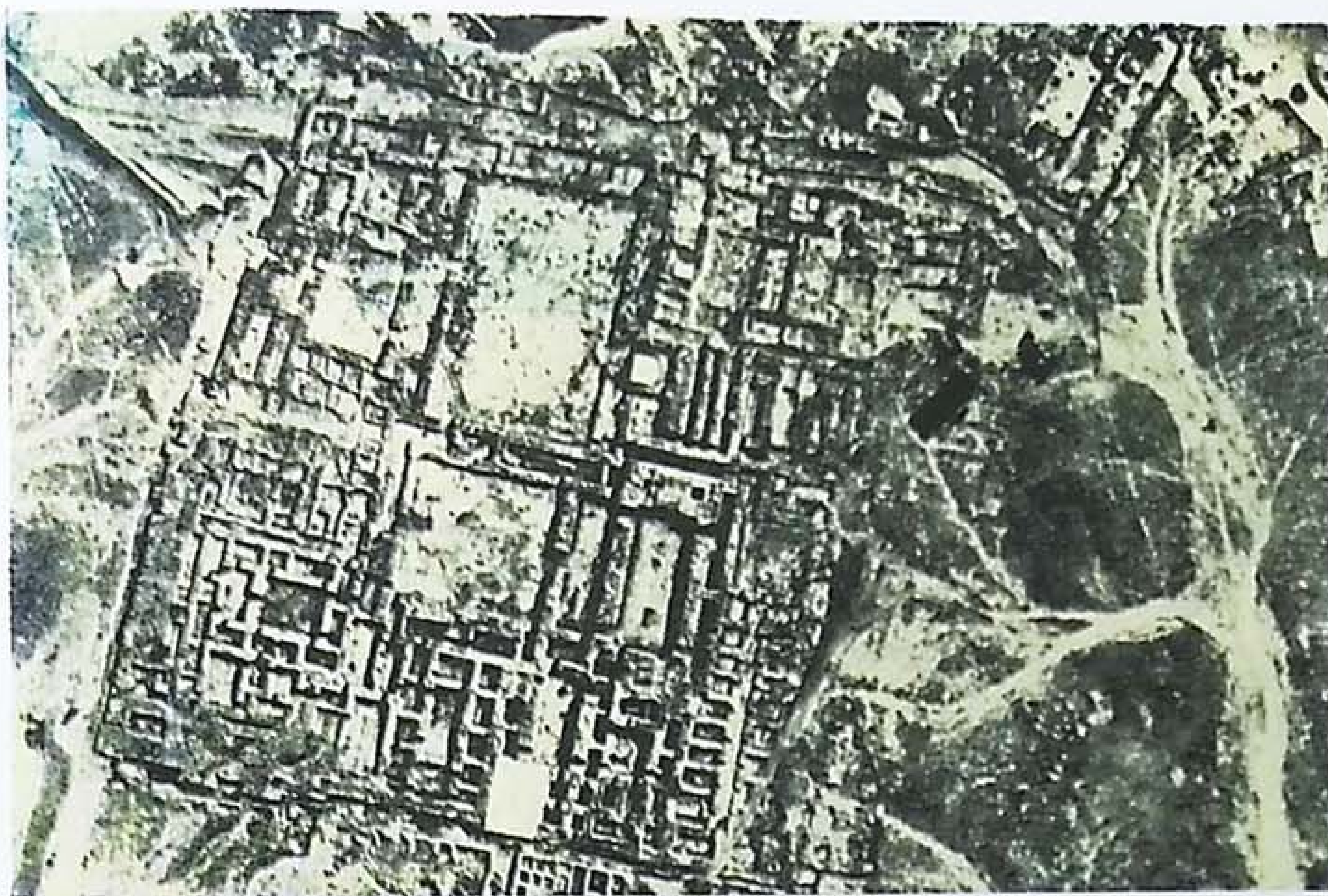


fig. 42: Vista aérea das ruínas do palácio de Mari, aproximadamente 2 000 a.C. O grande número de divisões mostra a complexidade e o gigantismo da organização palaciana.

arqueológicas constataram que, por volta de 2 600 a.C., surgiu nas cidades uma segunda grande estrutura arquitetônica, além do templo: o palácio, que seria, a partir de então, a morada do rei e o novo centro do poder (veja a figura 42).

A imagem divina do poder real

Apesar da separação entre o templo e o palácio, o poder jamais se afastou da religião. Pelo contrário, as idéias políticas mesopotâmicas enfatizavam constantemente a origem divina do poder do soberano. Diferentemente do Egito antigo, onde o faraó era considerado como um deus vivo, na Mesopotâmia o rei foi visto mais como um representante das divindades, escolhido por elas para exercer os seus poderes, mas que continuava a ser um mortal, que temia os deuses como todos os mortais. Em raras ocasiões houve uma divinização da própria pessoa do rei (como aconteceu com Naram-Sin, da dinastia de Acade: veja a figura 43), mas foi uma exceção: na tradição mesopotâmica, o rei era o instrumento da vontade dos deuses.



fig. 43: Naram-sin (2 254-2 218 a.C.) aparece nesta estela portando um capacete com chifres, atributo próprio dos deuses. Ele também usou o título de deus. Museu do Louvre, Paris.

Grande parte da arte e da literatura produzidas pelos palácios e templos ser-

viu, justamente, para construir e reafirmar a idéia de que o soberano era o representante divino na terra (figura 44 e



fig. 44: No topo da estela do "Código de Hammurabi" (1792-1750 a.C.), o rei da Babilônia aparece frente ao deus para receber o poder. Museu do Louvre, Paris.

texto 20). Do mesmo modo, os mitos descreviam o poder político e a realeza como criações dos deuses (texto 21).

20. "*Marduk, deus supremo de seu país, criador da sabedoria, deu a mim, Samsu-iluna, rei conforme o seu desejo, a totalidade do país para governar. Ele encarregou-me solenemente de fazer repousar seu país em pastagens seguras...*"

(Inscrição em pedra do século XVIII a.C.: IRSA IVc76)

21. "*Cetro, diadema, turbante e bastão*
Estavam depositados no céu, diante de Anu.
Não havia governo para o povo,
Então, a realeza desceu do céu."

(Mito de Etana, versão babilônica antiga, I: 17ss.)

Dar uma origem divina ao poder real foi uma característica central da política: a monarquia e o rei eram os primeiros responsáveis por cuidar, no mundo terrestre, da ordem estabelecida pelos deuses : para essa tarefa, concentravam grandes poderes e impunham a sua vontade à população. Mostrando o poder como vontade dos deuses, dificultava-se o seu questionamento por aqueles que sofriam com suas ações. Rebelar-se contra o poder do soberano significava rebelar-se contra os deuses.

Além de tornar divino o poder do rei, procurou-se também mostrar que o seu governo era positivo e necessário ao país. O soberano foi retratado como o construtor e reformador dos templos (figura 45), como aquele que fazia escavar os canais de irrigação, distribuía a justiça e defendia os mais fracos (texto 22). Mas, ao lado da imagem de um bom pastor para o seu rebanho, existiu igualmente aquela de um soberano opressor, que se impunha pelo medo e pela força e aniquilava seus inimigos. A imagem de



fig. 45: Era comum os reis serem retratados levando um cesto de tijolos para uma construção, como Ur-nanshe (cerca de 2490 a.C.). Museu do Louvre, Paris.

22. "*...Naquele dia, Anum e Enlil pronunciaram o meu nome para a prosperidade dos homens, Hammurabi, o príncipe piedoso e temente a deus, para fazer a justiça reinar na terra, para destruir o mau e o perverso, para que o forte não oprima o fraco...*"

(Prólogo do Código de Hammurabi, Ia: 20ss.)

um soberano cruel e vitorioso podia fortalecer o poder real, dentro e fora da cidade (figura 46).



Como podemos observar, para os mesopotâmios, o caráter do rei era muito semelhante àquele dos deuses, que podia ao mesmo tempo ser bondoso e terrível, variando de acordo com as circunstâncias e com os seus interesses próprios.

O palácio e seus servidores

Em cada cidade mesopotâmica existia uma família reinante. Normalmente, a chefia era transmitida de pai para filho dentro desta mesma dinastia, mas houve muitas ocasiões em que uma família foi substituída ou eliminada por um golpe ou por uma invasão estrangeira. Quase sempre os governantes eram homens, e raramente uma mulher assumiu o poder. Muitas vezes, entretanto, as mulheres da família do rei tiveram papéis destacados nos negócios do palácio, e algumas foram sacerdotisas de importantes templos mesopotâmicos.

Na verdade, o rei era o chefe de uma organização bastante complexa. As atividades palacianas eram numerosas e variadas: além de seus vastos empreendimentos econômicos (como vimos no capítulo 2), incluíam principalmente as tarefas militares, que visavam tanto manter a ordem interna e o domínio do rei sobre a população da cidade, como defender o reino de ataques inimigos e promover conquistas.

fig. 46: "Estela dos Abutres". O rei de Lagash, Eannatum I, conduz suas tropas (cerca de 2 440 a.C.). Seus guerreiros pisam sobre os vencidos. Museu do Louvre, Paris.

Para atuar em tantas áreas, o rei dispunha de uma grande quantidade de funcionários, que pertenciam a níveis diferentes da organização palaciana. Nos escalões mais baixos, havia agricultores, artesãos, soldados, pescadores e muitos outros servidores, que compunham as tropas de trabalho do palácio. Mais acima, situavam-se vários tipos de fiscais, sacerdotes, mercadores e escribas. No escalão mais alto, estavam os grandes sacerdotes dos templos, os conselheiros mais próximos ao rei e seus chefes militares, além de governadores das províncias. Era comum que os altos funcionários fossem da própria família real, mas muitos eram escolhidos pelos seus conhecimentos e habilidades.



fig. 47: Os escribas eram essenciais na administração palaciana. Aqui, dois deles fazem o registro de bens conquistados em uma campanha militar. Relevo do palácio de Ninive (cerca de 630 a.C.). Museu Britânico, Londres.

No fundo, era esse corpo de servidores que realizava a maior parte das ações palacianas, recolhendo impostos, organi-

zando os trabalhos, levando e trazendo mercadorias de lugares distantes, promovendo os cultos e rituais, administrando a cidade e as regiões conquistadas. Quando estavam longe, muitos funcionários recebiam as ordens do rei por cartas (texto 23). Documentos como este mostram que o palácio possuía um vasto arquivo de informações sobre suas atividades e seus funcionários, e que era consultado para tomar decisões. Mostram também que a escrita teve um importante papel como meio de exercer o poder (não é sem motivo que ela foi quase uma exclusividade dos templos e palácios durante os milênios da história mesopotâmica).

23. *"A Sin-iddinam dize: assim (falou) Hammurabi: Dá a Ubalani-namhe noventa soldados da tropa que está na redondeza de Ur para o novo barco de 22 500 litros, que foi construído. Envia-me, além disso, a lista dessa tropa que tu darás para o barco de carga, para que sejam retirados da lista dos soldados."*
(Carta de Hammurabi ao Governador de Larsa, século XVIII a.C.: LIH I:36)



fig. 48: Funcionários assírios pesam o saque conquistado pelas tropas do rei Assurbanipal (883-859 a.C.). Os mesopotâmios usavam um sistema eficaz de pesos e medidas. Museu Britânico, Londres.

O NASCIMENTO DA LEI?

É muito comum dizer-se que a Mesopotâmia conheceu as primeiras leis da história do homem. Mas, na verdade, os "códigos" mesopotâmicos eram muito diferentes das legislações atuais: eles não tinham leis que estabelecessem as características de um crime e a pena que deveria ser aplicada. Diferentemente, em geral, parecem ser coletâneas de sentenças reais, que descreviam uma situação concreta e particular e diziam o que deveria acontecer com o acusado. Como, por exemplo, nesta passagem do famoso "código" de Hammurabi: "*Se um pedreiro construiu uma casa para um homem livre, mas não reforçou seu trabalho e a casa, que ele construiu, caiu e matou o dono da casa, então, esse pedreiro será morto.*"

O efeito prático dessas coleções de sentenças reais parece ter sido o de servir de modelo para que os funcionários resolvessem casos semelhantes. Além disso, ao mandar fazer um "código", o rei reforçava a sua imagem de ordenador da sociedade. Os "códigos" mais antigos foram:

— o de *Ur-Nammu* (2 112-2 095 a.C.), fundador da terceira dinastia de Ur; foi escrito em sumério.

— o de *Lipit-Ishtar* (1 934-1 925 a.C.), rei da cidade de Isin; também escrito em sumério.

— as Leis de *Eshnunna*, possivelmente datadas do fim do século XIX a.C. É o primeiro escrito em acadiano.

— o Código de *Hammurabi*, rei da Babilônia entre 1792 e 1750 a.C. O bloco de pedra em que foi gravado (veja a figura 44) foi descoberto em Susa, para onde foi levado como troféu de guerra pelos elamitas, que invadiram a Babilônia por volta de 1 100 a.C.

Os poderes à margem do palácio

Tudo o que foi dito até aqui pode dar a impressão de que o rei foi o único detentor do poder, e o palácio a única organização política na antiga Mesopotâmia. Isso, porém, não é verdade. Apesar de o rei ter tido um poder quase sem limites e extremamente autoritário, existiam forças políticas fora de seu controle direto e até mesmo contrárias a ele.

Tanto nas cidades como nas aldeias, parte da população se organizava para tomar decisões e, por vezes, o rei tinha que reconhecer essas associações e negociar com elas. Algumas cidades, por exemplo, obtiveram isenção de impostos e conseguiram livrar-se da obrigação de prestar serviços ao rei. Na região rural, muitas aldeias tiveram o controle sobre seus campos, afastando a interferência do palácio. Principalmente nas estepes e montanhas, viviam povos rebeldes ao estilo de vida das cidades, aos quais o rei dificilmente conseguiu impor seu mando. Há até o caso de uma cidade que se recusou a ser governada por um soberano vizinho. Mesmo nas regiões conquistadas, o poder do rei vencedor nem sempre era total: a população local podia manter certa autonomia e preservar alguns de seus direitos.

Assim, apesar de serem muito poderosos, os reis mesopotâmicos sempre enfrentaram limites à sua autoridade. Estes limites foram lembrados inclusive pela literatura (texto 24).

24. *"Se um rei não presta atenção à justiça,*
Seu povo cairá na anarquia,
Seu país será devastado."
(Advertências ao Rei, século VIII a.C.)

Durante o festival do Ano Novo, na cidade da Babilônia, ocorria uma encenação interessante: o rei era despido de todos os signos de seu poder e esbofeteado por um sacerdote, só recuperando seu cargo novamente após jurar não ter tratado mal seus subordinados e não ter esquecido de suas obrigações religiosas. Rituais como este tiveram importância simbólica ao mostrar que o rei não era um déspota todo-poderoso, mas um representante designado pelos deuses, que devia respeitar certas regras.

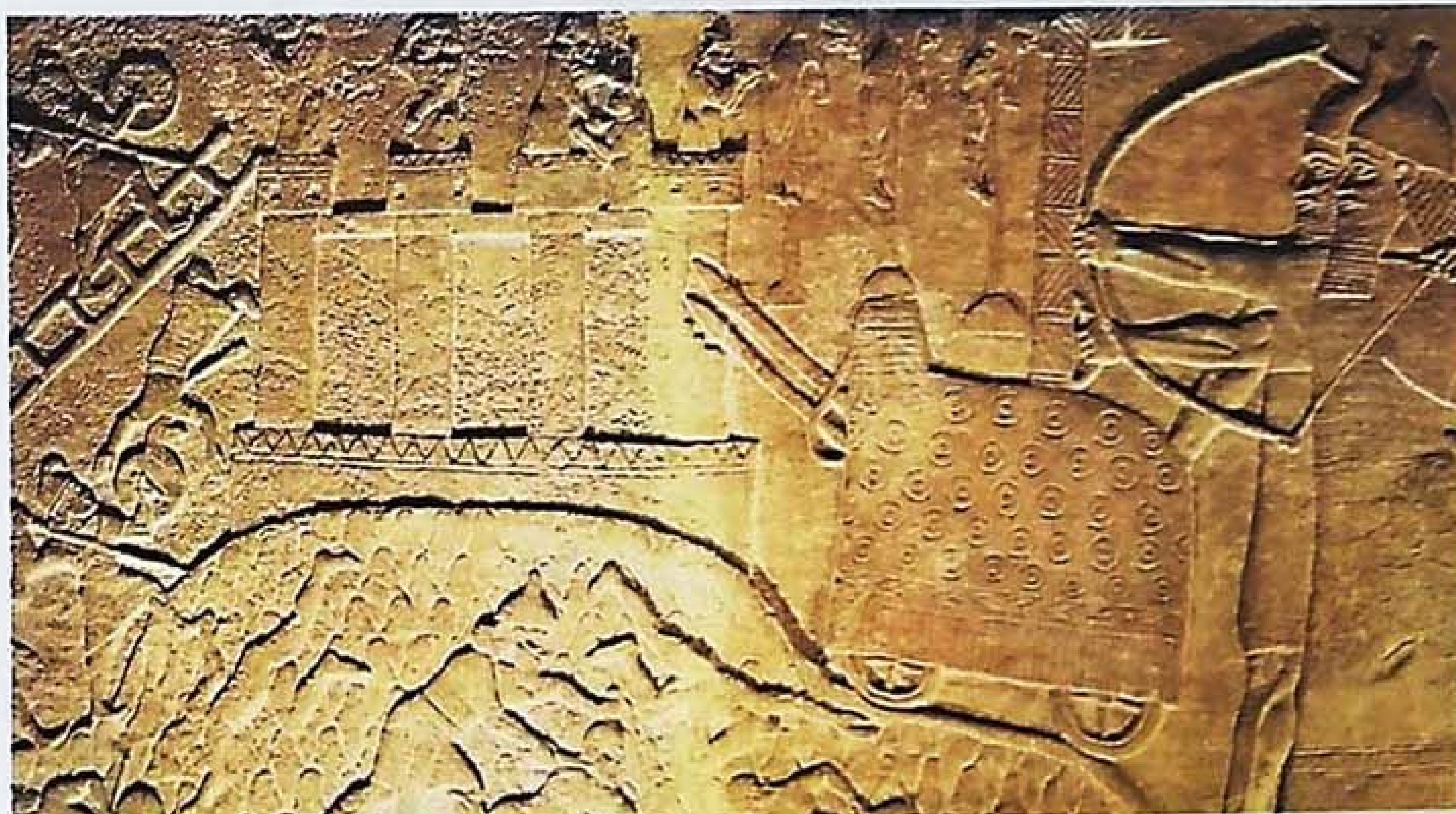


fig. 49: Cena de ataque a uma cidade, com a utilização de escadas e carros de guerra. Relevo do palácio de Nimrud (século VIII a.C.). Museu Britânico, Londres.

Unidade e fragmentação

A história política da Mesopotâmia foi marcada por guerras, conquistas e invasões.

Por toda a Mesopotâmia existia um grande número de cidades, que jamais chegaram a formar um único país. Apesar disso, era comum algumas delas dominarem outras, menores ou mais fracas, formando pequenos reinos. Cidades mais poderosas — como Acade, Babilônia, Assur — promoveram vastos movimentos de conquista, estendendo seu domínio não só a grandes partes da Mesopotâmia como também a regiões estrangeiras (Anatólia, Síria, Israel etc.).

As expansões foram garantidas pelas armas e por acordos de aliança. Muitas vezes, populações inteiras e suas cidades eram destruídas: a crueldade dos assírios, por exemplo, foi famosa entre os seus vizinhos e ressaltada pela arte dos palácios, como podemos ver na figura 50. Outras vezes, os adversários tornavam-se aliados através de um tratado entre os reis. Os motivos das expansões foram variados: garantir a obtenção de bens, especialmente aqueles que eram raros na planície mesopotâmica (texto 25 e figura 51); aumentar o poder do soberano ou simplesmente prevenir-se contra ataques inimigos, conquistando-os antes.



fig. 50: Prisioneiros judeus espetados em estacas após a vitória do rei assírio Senaqueribe sobre a cidade de Lachish, em Israel. Museu Britânico, Londres.

25. *"Em Latashe, fortaleza situada sobre o rio do país de Laruete, província da Alabria, eu cheguei. De Bel-abil-iddina, o alabriano, eu recebi o tributo: cavalos, bois e gado miúdo. Através de Parsuash eu desci."*

(Relato da VIII.ª Campanha de Sargão II — 714 a.C.: TCL III:37s.)

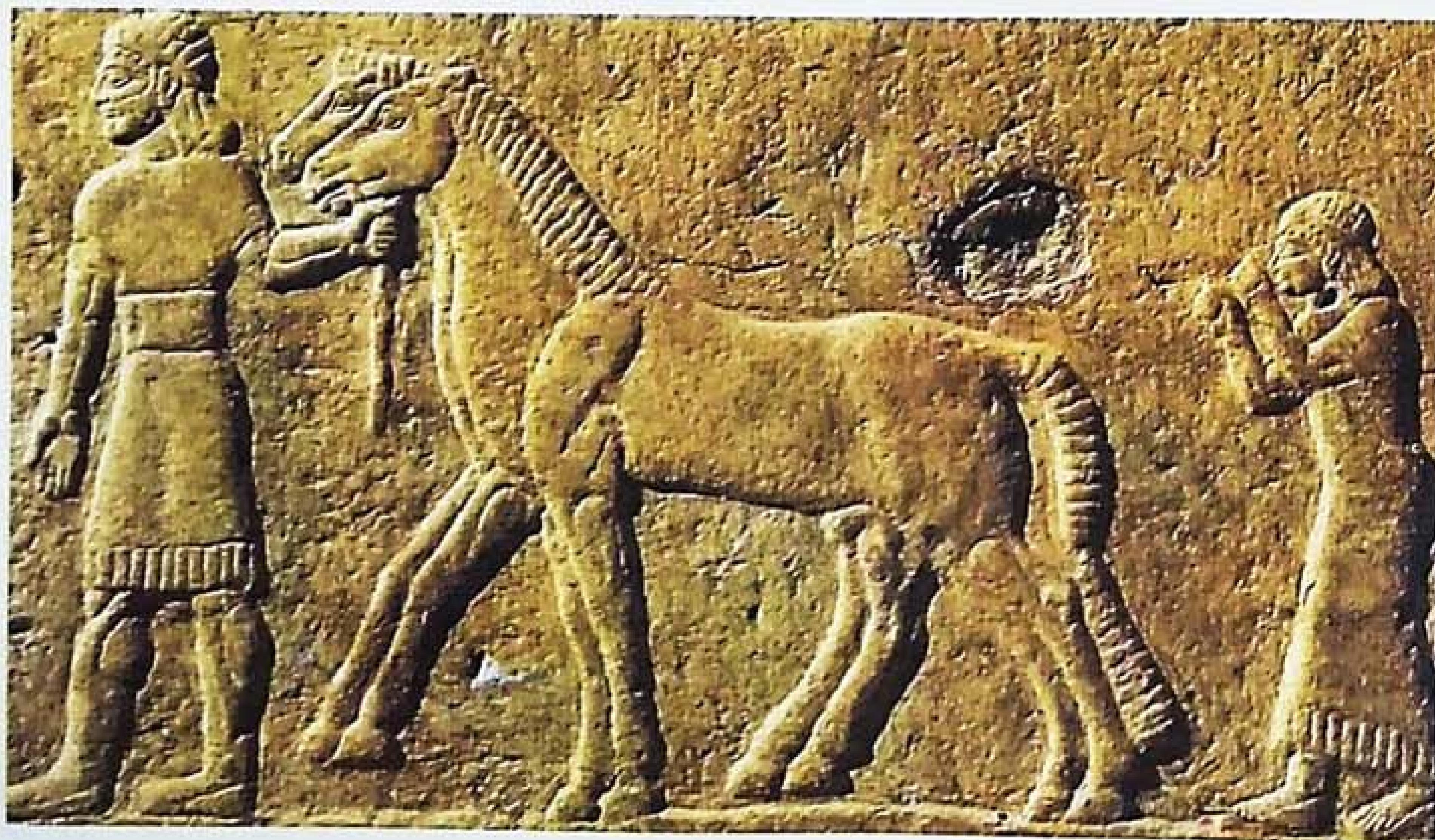


fig. 51: Cavalos levados como tributo ao rei Salmanasar III (858-824 a.C.). Relevos do palácio de Nimrud. Museu do Iraque, Bagdá.

Muitas vezes, no entanto, os mesopotâmios, ao invés de conquistadores, foram conquistados. A riqueza das planícies férteis e o poder dos reinos mesopotâmicos atraíram a cobiça de inimigos próximos e distantes. Ao longo de sua



história, as cidades e os reinos mesopotâmicos foram invadidos por muitos povos estrangeiros. Às vezes, eram tribos nômades, que viviam nas estepes e nas montanhas e entravam na planície para saquear e destruir. Alguns destes povos, porém, acabaram por se estabelecer na Mesopotâmia, como os gútios, que vinham dos montes Zagros e contribuíram decisivamente para o fim do Império de Acade, por volta de 2 190 a.C., fundando uma nova dinastia.

Outras vezes, a Mesopotâmia foi atacada por grandes impérios organizados. Em 539 a.C., o rei dos persas, Ciro, derrotou o Império Babilônico. Depois, em 331 a.C., foi a vez do rei macedônio Alexandre, o Grande, anexar a região e abrir caminho para a dinastia selêucida. Em 144 a.C., os partas invadiram a Babilônia e em 126 a.C. consolidaram o domínio da dinastia dos arsácidas na Mesopotâmia, que durou até o ano 227 de nossa era.

Com as invasões e os sucessivos domínios estrangeiros, as cidades-reinos perderam não apenas a sua independência política e econômica como também a sua cultura e o seu modo de vida próprio.

Especialmente a partir do século VI a.C., a sorte voltou-se contra os reinos mesopotâmicos. Como um sinal disto, é interessante observar os assírios e os babilônios representados nos monumentos persas: louvando o rei estrangeiro e entregando-lhe seus tributos (figura 52). Exatamente como, outrora, os mesopotâmios costumavam representar os seus inimigos. Foi longo e dramático o caminho até o fim da antiga Mesopotâmia.

A política no Iraque atual

O Iraque é governado atualmente por um regime ditatorial liderado por Saddam Hussein. Nas últimas décadas, o país foi fortemente militarizado e envolveu-se em conflitos com seus vizinhos. Entre 1980 e 1988, guerreou contra o Irã. Em 1991, invadiu o Kuwait, causando a Guerra do Golfo. Neste conflito armado, o Iraque sofreu duros ataques de potências ocidentais, como os EUA e a Inglaterra, que auxiliaram o Kuwait para preservar seus interesses econômicos e políticos na região. Além disso, no norte, os rebeldes curdos lutam para formar um país independente do Iraque.

fig. 52: Após a conquista de Ciro, babilônios, assirios e outros povos foram obrigados a pagar tributos ao Império Persa. Fachada oriental do palácio de Persépolis.











Cronologia

3.º MILÊNIO a.C.	**até 2300 a.C.**	— cidades-reinos sumérias
	2300-2193 a.C.	— dinastia de Acade
	— invasão dos gútios	
	2112-2004 a.C.	— 3.ª dinastia de Ur
	— invasão dos elamitas	
2.º MILÊNIO a.C.	**1894-1595 a.C.**	— império babilônico antigo (1.ª dinastia babilônica)
	1813-1714 a.C.	— antigo império assírio
	— invasão dos hititas	
	— invasão dos cassitas	
	1570-1157 a.C.	— dinastia cassita na Babilônia
	1363-1076 a.C.	— império médio-assírio
1.º MILÊNIO a.C.	**934-609 a.C.**	— império neo-assírio
	625-539 a.C.	— império neo-babilônico (dinastia caldéia)
	539 a.C.	— conquista persa
	331 a.C.	— conquista macedônica
	144 a.C.	— invasão dos partas

Bibliografia

São poucos os livros sobre a história da Mesopotâmia existentes em português. Mas podemos citar algumas obras para quem se interessar em saber mais sobre o assunto:

CARDOSO, C. F. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. São Paulo, Ática, 1986.

__________ . *Antigüidade oriental*: política e religião. São Paulo, Contexto, 1990.

GARELLI, P. *O Oriente Próximo asiático*: das origens às invasões dos povos do mar. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1982.

GARELLI, P. & NIKIPROWETZKY, V. *O Oriente Próximo Asiático*: impérios mesopotâmicos e Israel. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1982.

LÉVÊQUE, P. (ed.). *As primeiras civilizações*. Lisboa, Edições 70, 1990. 3 v.

McCALL, H. *Mitos da Mesopotâmia*. São Paulo, Ed. Moraes, 1994.

KRAMER, S. N. *Os sumérios*: sua história, cultura e carácter. Lisboa, Bertrand, 1977.

MELLAART, J. *O Próximo Oriente*. Lisboa, Verbo, 1971.

McEVEDY, C. *Atlas da História Antiga*. São Paulo, Verbo/Edusp, 1979.

Em português, há também as excelentes traduções dos textos mesopotâmicos, feitas pelo professor Emanuel Bouzon, além de uma tradução regular da epopéia de Gilgamesh:

BOUZON, E. *As Leis de Eshnunna*. Petrópolis, Vozes, 1981.

__________ . *O Código de Hammurabi*. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

__________ . *As Cartas de Hammurabi*. Petrópolis, Vozes, 1986.

SANDARS, N. K. *Gilgamesh, Rei de Uruk*. São Paulo, Ars Poetica, 1992.

O texto da belíssima adaptação teatral da epopéia de Gilgamesh, do diretor Antunes Filho, pode ser encontrado em:

Gilgamesh. Adaptação teatral de Antunes Filho. São Paulo, Veredas, 1995.

Em línguas estrangeiras, há boas obras gerais e introdutórias sobre a civilização mesopotâmica. As melhores são:

OPPENHEIM, A. L. *Ancient Mesopotamia*: portrait of a dead civilization. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1977.

CRAWFORD, H. *Sumer and the Sumerians*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

NISSEN, H. J. *The early history of the Ancient Near East*: 9000-2000 B.C. Chicago, The University of Chicago Press, 1988.

MAISELS, Ch. K. *The emergence of civilization*. London, Routledge, 1993.

ROUX, G. *La Mésopotamie*: essai d'histoire politique, économique et culturelle. Paris, Seuil, 1985.

MARGUERON, J. C. *Les Mesopotamiens*. Paris, Armand Colin, 1991. 2 v.

LIVERANI, M. *Antico Oriente*: storia, società, economia. Roma/Bari, Laterza, 1991.

MOSCATI, S. (ed.). *L'alba della civiltà*. Torino, UTET, 1976. 3 v.

HROUDA, B. (ed.). *El Antiguo Oriente*: la cuna de la civilización. Barcelona, Plaza & Janés, 1992.

KLÍMA, J. *Sociedad y cultura en la Antigua Mesopotamia*. Madrid, Akal, 1983.

O que ver?

No Brasil, infelizmente, não existem museus com grandes acervos de objetos mesopotâmicos. Uma pequena amostra, no entanto, pode ser vista na exposição do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. O Museu possui algumas tabletas com inscrições cuneiformes, além de estatuetas, selos-cilíndricos e uma coleção de objetos de toalete provenientes de sítios arqueológicos da Mesopotâmia. As visitas podem ser acompanhadas por monitores. Além disso, o Museu tem vários outros programas educacionais interessantes para as escolas. O Museu fica na Av. Professor Almeida Prado, n.º 1466, na Cidade Universitária, São Paulo (SP); tel.: (011) 212-4001.

Filme

Mesopotâmia - Retorno ao Éden. Time-Life Video/Abril coleções.

Documentário sobre o que pode ter sido a maior jóia de todos os territórios dos antigos e poderosos impérios mesopotâmicos: o local místico do céu na terra, o Jardim do Éden.

Fontes das ilustrações

Caselli, G. (org.). *Sumeri e Babilonesi*. Florença, Giunti, 1994.
(34)

Eydoux, H. P. *À procura dos mundos perdidos*: as grandes descobertas arqueológicas. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1973.
(2, 3)

Garbini, Giovanni. *The Ancient World*. London, Hamlyn, 1976.
(33)

Hrouda, Barthel. *El Antiguo Oriente*: la cuna de la civilización. Barcelona. Plaza & Janés, 1992.
(1, 12, 14, 18, 23, 42, 52)

Roaf, Michael. *Cultural Atlas of Mesopotamia and the Ancient Near East*. New York/Oxford, Facts on File, 1990.
(4, 7-9, 35, 40)

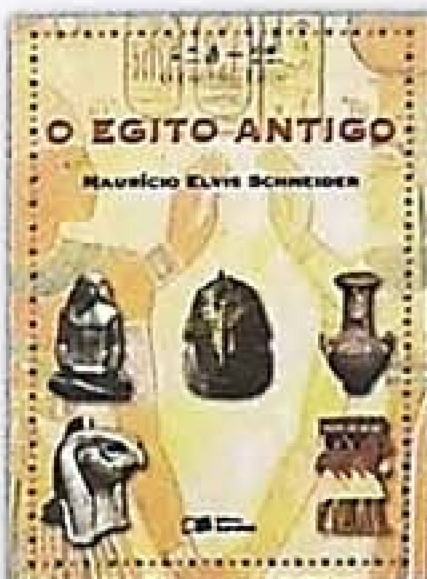
QUE HISTÓRIA É ESTA?



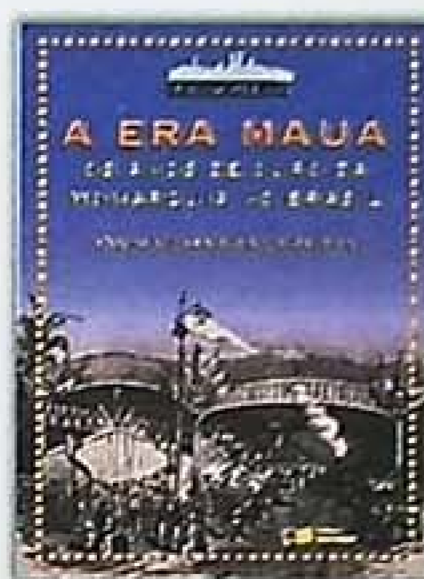


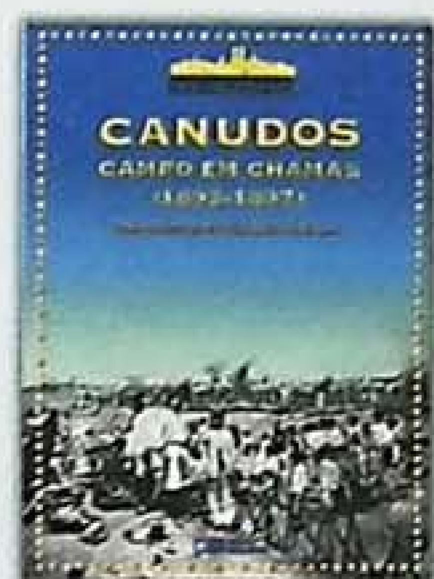


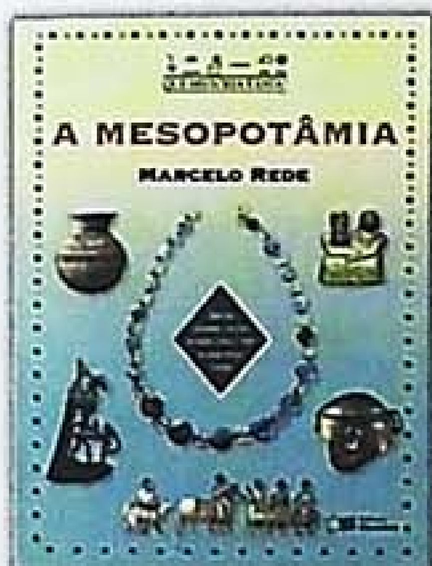








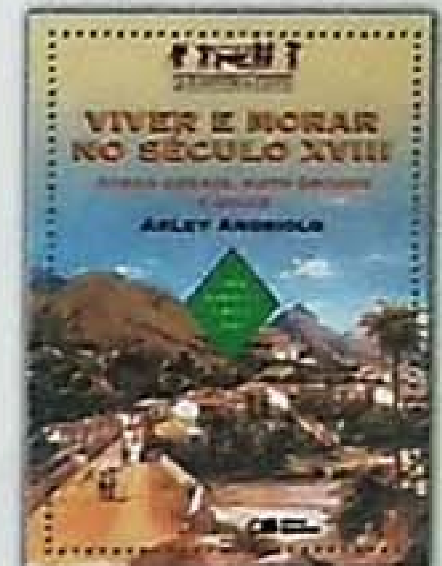




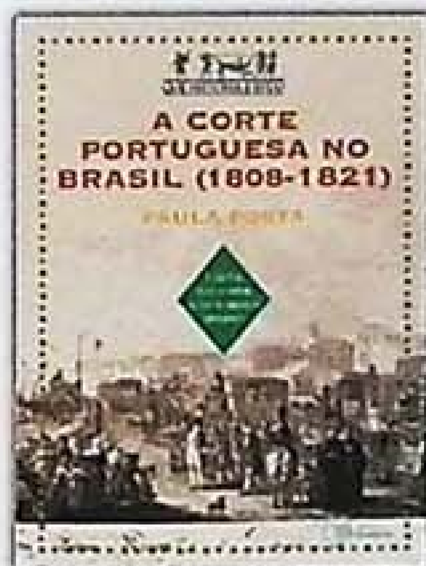




























Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-909 – Pinheiros
São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000
Fax: (0**11) 3611-3308
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Central de Atendimento ao Professor:
0800-0117875
Endereço Internet:
www.editorasaraiva.com.br
E-mail:
atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

Revendedores Autorizados

Aracaju: (0**79) 3211-8266/3211-6981
Bauru: (0**14) 3234-5643
Belém: (0**91) 3222-9034/3224-9038
Belo Horizonte: (0**31) 3429-8300
Brasília: (0**61) 344-2920/344-2951
Campinas: (0**19) 3243-8004/3243-8259
Campo Grande: (0**67) 3382-3682
Cuiabá: (0**65) 3901-8088
Curitiba: (0**41) 3332-4894
Florianópolis: (0**48) 3244-2748/3248-6796
Fortaleza: (0**85) 3238-2323
Goiânia: (0**62) 3225-2882/3212-2806
Imperatriz: (0**99) 3525-2913
João Pessoa: (0**83) 3241-7085
Juazeiro do Norte: (0**88) 3511-8280
Londrina: (0**43) 3322-1777
Maceió: (0**82) 3221-0825
Macapá: (0**96) 3223-0706
Manaus: (0**92) 633-4227
Natal: (0**84) 3611-0627/3211-0790
Porto Alegre: (0**51) 3371-4001/3371-1467/3371-1567
Porto Velho: (0**69) 3223-2383/3221-2915
Recife: (0**81) 3421-4246
Ribeirão Preto: (0**16) 3610-5843
Rio Branco: (0**68) 3224-3125/3224-7094
Rio de Janeiro: (0**21) 2577-9494
Salvador: (0**71) 3381-5854/3381-5895
Santarém: (0**93) 3523-6016
São José do Rio Preto: (0**17) 3227-3819/3227-0982
São José dos Campos: (0**12) 3921-0732
São Luís: (0**98) 3243-0353
Teresina: (0**86) 3221-3998/3226-1956
Uberlândia: (0**34) 3213-5158/3213-6555
Vitória: (0**27) 3137-2595/3137-2566/3137-2560



QUE HISTÓRIA É ESTA?

Com ampla utilização de documentos escritos e arqueológicos, Marcelo Rede — doutor em História Antiga pela Université de Paris (Sorbonne) e professor de História Antiga da USP — reconstrói a trajetória dos povos da Antiga Mesopotâmia. A formação social e econômica, as relações políticas, a cultura e o modo de vida dessa região pouco conhecida são descritos e interpretados à luz de sólidas pesquisas históricas e arqueológicas. O texto da obra, claro, simples e informativo, busca valorizar a relação entre os documentos apresentados e o conhecimento adquirido.



ISBN 978-85-02-02141-9

